

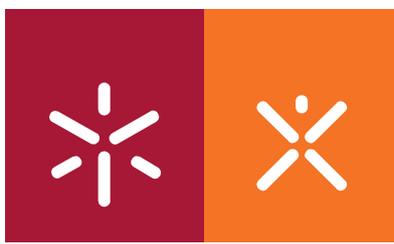


Universidade do Minho
Instituto de Educação

Silvia Maria Petiz de Sousa

Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores

Outubro de 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sílvia Maria Petiz de Sousa

***Cyberbullying: o fenómeno percebido
pelos professores***

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Tecnologia Educativa

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Maria João da Silva Ferreira Gomes

Outubro de 2011

Declaração

Nome

Sílvia Maria Petiz de Sousa

Endereço electrónico

silvia.petiz@netcabo.pt

Telefone

965136739

Número do Bilhete de Identidade

13296062

Título da dissertação

Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores

Orientadora

Doutora Maria João da Silva Ferreira Gomes

Ano de conclusão

2011

Designação do Mestrado

Ciências da Educação, Área de Especialização em Tecnologia Educativa

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31 de Outubro de 2011

(Sílvia Maria Petiz de Sousa)

Agradecimentos

Agradeço,

À minha orientadora Professora Doutora Maria João Gomes pela partilha da sua experiência, pelas suas palavras de estímulo e de compreensão que eu não esquecerei, pela sua disponibilidade, bem como pela confiança que depositou em mim, permitindo que, ao meu ritmo, concluísse o meu trabalho.

Ao Marco, meu companheiro e melhor amigo.

Aos meus pais e, em particular à minha mãe, a quem dedico este trabalho por ser quem é.

Aos professores e colegas que responderam a este inquérito pela consideração e disponibilidade com que acolheram o meu pedido e me dispensaram o seu tempo.

A todos, muito obrigada!

Resumo

As novas tecnologias têm vindo a proporcionar uma nova dimensão ao *bullying* tradicional, designadamente o *cyberbullying*. O vínculo estreito entre o *bullying* e o *cyberbullying* sugere que as percepções dos professores possam contribuir significativamente para combater o fenómeno. Entende-se que conhecer as suas percepções surge como primeiro passo necessário para ajudar os professores a desenvolver um bom conhecimento e as competências necessárias para lidar com eventuais situações em que a agressão transpõe o recreio e os limites da escola e o espaço físico em geral, num quadro de ubiquidade da Internet e da comunicação digital.

Neste *survey* de carácter exploratório, foi realizado um inquérito por questionário aos professores de todos os níveis do Ensino Pré-escolar, Básico e Secundário que se encontravam a leccionar na zona Norte de Portugal em 2010/2011, de forma a auscultar os conhecimentos, as percepções e as atitudes que detêm face ao fenómeno do *cyberbullying* no contexto actual que vivemos. Pretendeu-se conhecer até que ponto é que os professores se encontram consciencializados e se sentem preparados para lidar com a questão do *cyberbullying*. Concluiu-se que a maioria dos professores inquiridos possui um conhecimento satisfatório sobre a problemática do *cyberbullying*, reconhecendo a maior parte das características e consequências que lhe estão frequentemente associadas, como evidenciam os estudos na área. Apesar da maioria dos professores possuir um nível relativamente alto de conscientização e considerar o *cyberbullying* um tema importante, verificou-se a necessidade de desenvolver e implementar um plano de formação nesta matéria.

Palavras-chave:

bullying, *cyberbullying*, percepções, professores

Abstract

Modern technology has provided a new dimension to traditional bullying, namely cyberbullying. The close link between bullying and cyberbullying suggests that the perceptions of teachers can contribute significantly to combat the phenomenon. It is understood that knowing their perceptions emerges as the first necessary step to help teachers develop a good knowledge and skills to deal with any situation in which aggression transposes the playground, the school surroundings and any physical space in a general framework of the Internet and digital communication's ubiquity.

This survey of exploratory nature was conducted in order to examine teachers' knowledge, perceptions and attitudes about the phenomenon of cyberbullying in our present context. Teachers of all levels of pre-school, primary and secondary education who were teaching in the northern part of Portugal in 2010/2011 were asked to participate. It was intended to understand the extent to which teachers are made aware and feel prepared to deal with the issue of cyberbullying. It was concluded that the majority of surveyed teachers has an adequate knowledge of cyberbullying and knows most of its inherent features. Although most teachers have a relatively high level of awareness and consider the topic important, there is the need to develop and implement a training plan in this regard.

Keywords:

bullying, cyberbullying, perceptions, teachers

Índice Geral

Declaração	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice de Quadros.....	vii
Capítulo I – Apresentação do estudo	9
1.1. Contextualização geral	10
1.2. Breve descrição do estudo	13
1.3. Importância do estudo	14
1.4. Organização da dissertação	15
Capítulo II – Revisão de literatura	17
2.1. Do <i>bullying</i> ao <i>cyberbullying</i>	18
2.2. Características do <i>cyberbullying</i>	25
2.4. O fenómeno do <i>cyberbullying</i> : o olhar dos professores	39
Capítulo III – Desenho do estudo.....	45
3.1. Objectivos e questões de investigação.....	46
3.2. Metodologia de investigação	47
3.3. Constituição da amostra	48
3.4. Técnica e instrumentos de recolha de dados.....	49
3.3. Procedimento de recolha de dados	50
Capítulo IV – Apresentação e análise de dados.....	53
4.1. Caracterização pessoal e profissional dos professores	54
4.2. O conceito de <i>cyberbullying</i> segundo os professores	58
4.3. As percepções dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	64
4.4. Atitudes e responsabilidade dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	77
4.5. Contacto/Experiência com situações de <i>cyberbullying</i>	87
4.6. Comentários adicionais por parte dos professores	90
Capítulo V – Conclusões e considerações finais	95
Bibliografia.....	103
Anexos.....	109
Instrumento de Inquirição	111
Parecer DGIDC	117

Índice de Quadros

Quadro 1- Categorias de <i>cyberbullying</i> segundo Willard	26
Quadro 2 - O nível I de Investigação segundo Fortin.....	48
Quadro 3 - Matriz do Inquérito por Questionário “ <i>Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores</i> ” aplicado à Amostra	51
Quadro 4 - Caracterização da amostra: Faixa etária dos professores inquiridos	54
Quadro 5 - Caracterização da amostra: Faixa etária dos professores inquiridos por género.....	55
Quadro 6 - Caracterização da amostra: Existência de filhos por género	55
Quadro 7 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Pré-escolar)	56
Quadro 8 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 1º Ciclo)	56
Quadro 9 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 2º Ciclo)	57
Quadro 10 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 3º Ciclo)	57
Quadro 11 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Secundário)	58
Quadro 12 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores	59
Quadro 13 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores (por género).....	59
Quadro 14 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores (por existência de filhos)	60
Quadro 15 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores (por faixa etária: < 30/31-40)	62
Quadro 16 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores (por faixa etária: 41-50/51-60)	63
Quadro 17 - Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores (por faixa etária: > 60)	63
Quadro 18 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	64
Quadro 19 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por género: Feminino)	66
Quadro 20 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por existência de filhos)	69
Quadro 21 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por existência de filhos)	70
Quadro 22 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por género: Masculino)	71
Quadro 23 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: < 30)	72
Quadro 24 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 31-40)	73
Quadro 25 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 41-50)	74
Quadro 26 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 51-60)	75
Quadro 27 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: > 60)	76
Quadro 28 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	78
Quadro 29 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por género: Masculino)	79
Quadro 30 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por género: Feminino)	80
Quadro 31 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por existência de filhos: Sim)	81
Quadro 32 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por existência de filhos: Não)	82
Quadro 33 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: < 30)	83
Quadro 34 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 31-40)	84
Quadro 35 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 41-50)	84
Quadro 36 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: 51-60)	85
Quadro 37 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> (por faixa etária: > 60)	86
Quadro 38 - Contacto/ Experiência com situações de <i>cyberbullying</i>	88
Quadro 39 - Comentários adicionais.....	91

*“O que é necessário não é a vontade de acreditar,
mas o desejo de descobrir, que é justamente o oposto.”*

Bertrand Russell

Capítulo I – Apresentação do estudo

1.1. Contextualização geral

Com o virar do século a nossa forma de comunicar foi alterada e desenvolvida pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) emergentes. O mesmo já tinha acontecido com o advento de outras tecnologias como a imprensa, o telefone e o automóvel, permitindo às pessoas transcender limitações do espaço e tempo anteriormente intransponíveis. Contudo, nunca o ritmo de mudança e de adopção das tecnologias foi tão elevado quanto actualmente e nenhuma das tecnologias anteriores à era da Internet e dos serviços associados se tornou tão rapidamente uma presença no quotidiano dos cidadãos de muitos países.

Neste sentido, o Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento, considera que os “jovens portugueses de 10 a 15 anos de idade são fortes e sofisticados utilizadores TIC” (2010). Esta entidade refere que a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação por jovens portugueses desta faixa etária tem aumentado significativamente nos últimos anos, baseando-se no Inquérito à Utilização de TIC pelas Famílias (2010)¹. Tendo em conta os dados, mais marcantes, relativos ao 1º trimestre de 2010, o Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento conclui que:

- O computador é utilizado por 96% dos jovens (2º Ciclo do Ensino Básico), indiferentemente no que toca a questão de género; salienta-se que a utilização do computador é de 100% nos jovens no 3º Ciclo do Ensino Básico;
- A grande maioria dos jovens entre os 10 a 15 anos de idade (91%) utiliza a Internet, não havendo diferenças entre os géneros, em 2005 apenas 74% dos jovens entre os 10 e os 15 anos utilizavam a Internet;
- 92% dos jovens inquiridos utilizam a Internet em casa e apenas 69% na escola – em 2005 a Internet era mais frequentemente acedida a partir da escola (83%) e menos a partir de casa (43%);
- Os dados do inquérito indicam que 74% dos jovens que utilizam a Internet declaram utilizá-la todos os dias ou quase todos os dias – em 2005 eram apenas 32%;

¹ Este inquérito foi realizado pelo INE - Instituto nacional de Estatística, IP com a colaboração da UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, enquadrando-se no desenvolvimento das estatísticas da Sociedade da Informação. É realizado no 1º trimestre de cada ano. Encontra-se disponível em: http://www.umic.pt/index.php?option=com_content&task=category§ionid=17&id=93&Itemid=167 (Acedido a: 01/08/2011)

- As principais actividades que são realizadas na Internet pelos jovens inquiridos são: a pesquisa de informação para trabalhos escolares (97%), a troca ou divulgação de mensagens em *chats*, blogues, *páginas* de redes sociais, *newsgroups*, fóruns de discussão *online* ou mensagens escritas em tempo real (*Instant Messaging*) (86%), correio electrónico (86%), jogos ou *download* de jogos, imagens, filmes ou música (79%), consulta de *websites* de interesse pessoal (63%), partilha de conteúdo pessoal num *website* partilhado (55%) e pesquisa de informação (47%);
- No que diz respeito ao telemóvel, 87% dos jovens entre os 10 e os 15 anos de idade indicam utilizar um telemóvel, em 2005 eram apenas 62%;
- As principais actividades realizadas no telemóvel são: chamadas telefónicas (97%), comunicação por *SMS (Short Message Service)* (94%), jogos sem ligação à Internet (54%), envio de fotografias ou ficheiros (36%) e navegação na Internet (9%).

Verifica-se que existe uma muito elevada utilização de Internet, computadores e telemóveis por parte dos jovens entre os 10 e os 15 anos de idade, algo que sabemos por experiência própria porque é suficiente olhar em nosso redor. As crianças e os jovens crescem num ambiente onde a Internet e a comunicação electrónica são cada vez mais ubíquas. Blogues (*Web logs*), páginas de redes sociais e mensagens instantâneas competem com as formas de comunicação tradicionais. Os jovens adoptaram as tecnologias digitais, a comunicação *online*² como forma privilegiada de interacção pessoal, seja ela suportada pela Internet e pelos seus serviços ou associada aos serviços de comunicação dos telemóveis. A Internet permite aos jovens realizar pesquisas para trabalhos escolares, comunicar com amigos distantes, jogar e envolver-se numa panóplia de outras actividades positivas e sociáveis. De alguma forma, a literacia digital tornou-se fulcral a nível pessoal e profissional, mesmo antes da entrada no mercado de trabalho. Além das inúmeras vantagens das Novas tecnologias, como a existência da informação à distância de um clique, o valor do entretenimento ou a velocidade de correspondência, a interacção *online* pode permitir aos jovens adquirir várias competências sociais e emocionais que se revelam essenciais para a vida. Os adolescentes encontram-se numa fase da sua vida em que negociam as suas crenças, limites, funções e objectivos, assim

² Para simplificar a comunicação, o termo *online* é utilizado num sentido mais lato, referindo-se à disseminação pela Internet ou por qualquer via de comunicação electrónica, incluindo telemóveis, consolas de jogo e PDA.

como descobrem, desenvolvem e aperfeiçoam a sua própria identidade, algo que pode ser potencializado pela interacção e socialização *online* (Erikson, 1995).

A maioria dos adolescentes não tem dificuldades em lidar com as tecnologias digitais, ao contrário de algumas partes da população adulta. Os termos “*digital natives*” e “*digital immigrants*” têm sido utilizados para distinguir as gerações: os jovens que cresceram com computadores, telemóveis e a Internet e que sabem manuseá-los como extensão do seu comportamento e da sua vida no mundo real, e os adultos que utilizam os mesmos dispositivos para complementar a sua actividade normal ou realizar tarefas específicas (Prensky, 2001). Segundo o autor, a maioria dos adolescentes não conheceu uma altura em que não era habitual pesquisar na Internet ou comunicar com outras pessoas por via electrónica ou através do telemóvel, quer verbal, quer textualmente, sendo que estes jovens manifestam pouca transigência no que diz respeito a atrasos na comunicação e um grande à-vontade em ambientes interactivos em que assumem o papel de actores e não apenas de espectadores³.

Quando questionados acerca da sua experiência com a Internet e as tecnologias associadas, os jovens referem, acima de tudo, aspectos positivos (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:31). Contudo, são muitos e de variada natureza os riscos que podem estar associados ou escondidos por detrás destes novos espaços virtuais. Em alguns casos estamos perante fenómenos que decorrem da transposição de práticas já existentes para estes novos espaços e ambientes. Em outros casos podemos estar perante novos fenómenos ou novas dimensões de fenómenos já conhecidos. Dado este contexto conclui-se, naturalmente, que os benefícios associados à Internet não podem ser devidamente aproveitados se o ambiente explorado pelos cibernautas for inóspito, pouco convidativo ou prejudicial. Nesta perspectiva, uma das preocupações dos educadores e investigadores, prende-se com uma realidade que vem sendo cada vez mais discutida: o fenómeno do *cyberbullying*.

O fenómeno do *cyberbullying* está a surgir com cada vez mais frequência e os efeitos psicológicos poderão ser tão devastadores quanto o *bullying* tradicional, possivelmente até poderão ser piores (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:15). Uma notícia publicada no [ionline.pt](http://www.ionline.pt)⁴

³ É claro que esta não é uma realidade universal e nem mesmo absolutamente equitativa nas sociedades mais desenvolvidas tendo que se admitir que existem sempre casos de exclusão digital mesmo nas faixas etárias mais jovens.

⁴ Disponível em: <http://www.ionline.pt/conteudo/53059-cyberbullying-judiciaria-recebe-uma-queixa-dia> (Acedido a: 16/07/2011)

em 29 de Março de 2010 refere “*Cyberbullying*: Judiciária recebe uma queixa por dia”. À medida que os casos que se prendem com o *cyberbullying* são divulgados pelos *media* e, com eles, as repercussões que podem vir a ter nas vítimas, a preocupação da sociedade cresce. Não é por acaso que Campbell (2005) se refere ao *cyberbullying* como “*the dark side of technology*”.

Como referem Hinduja & Patchin (2008:131), o *cyberbullying* ocorre como “subproduto resultante da união da agressão adolescente e comunicação electrónica” e exige hoje um olhar atento sobre a forma como se desenvolve, como também o impacto que tem na vida de muitas crianças e mesmo de adultos. Trata-se de um fenómeno novo, mas o número de crianças e jovens que podem vir a ser vítima tende a ser cada vez maior. A consciência da necessidade de melhor conhecer o fenómeno do *cyberbullying* para desta forma poder contribuir para a prevenção da sua ocorrência, e para a ultrapassagem das situações identificadas, constituiu a nossa principal motivação para a realização de um estudo neste domínio.

1.2. Breve descrição do estudo

O estudo que agora se apresenta teve por objectivo evidenciar os conhecimentos, as percepções e as atitudes dos professores face ao fenómeno do *cyberbullying* no contexto actual que vivemos. Pretendeu-se conhecer até que ponto é que os professores se encontram consciencializados e se sentem preparados para lidar com a questão do *cyberbullying* em benefício da segurança dos alunos, considerando que os mesmos podem desempenhar um papel significativo na prevenção e gestão do mesmo (Patchin & Hinduja, 2009).

Assim, o estudo realizado consistiu num levantamento (*survey*) dos conhecimentos, atitudes e percepções por parte dos professores no que diz respeito à questão do *cyberbullying*. O levantamento foi efectuado através de um inquérito por questionário electrónico dirigido aos professores a leccionar no ano letivo de 2010/2011 em escolas pertencentes à Direção Regional de Educação do Norte (DREN), nomeadamente Escolas Secundárias e Agrupamentos de Escolas, incluindo o Ensino Pré-Escolar, o 1º, 2º e o 3º Ciclo do Ensino Básico. Note-se que apenas foram contactadas as escolas cujos endereços electrónicos figuravam no sítio electrónico da DREN.

1.3. Importância do estudo

A utilização massiva e generalizada das tecnologias de comunicação reorganizou a nossa forma de viver, pensar, aprender, comunicar e estabelecer relações. A distância geográfica e temporal converteram-se em algo negligenciável. O real alterna com o virtual e o ciberespaço está ao alcance da maior parte dos membros das sociedades mais desenvolvidas. É, no entanto, possível verificar que muitos adultos ainda não possuem os conhecimentos básicos ao nível do utilizador no que diz respeito a computadores, Internet, telemóveis ou outros dispositivos electrónicos, ao contrário das crianças e dos jovens que abraçaram as novas tecnologias com toda a sua força.

Neste contexto da ubiquidade da tecnologia, os adultos não podem ter receio do mundo que existe por explorar. Devem, pois, tomar a iniciativa, dar um passo em frente e ser capazes de educar os jovens quanto aos riscos e benefícios que envolvem as novas tecnologias. Surge a necessidade de proteger e encorajá-los de uma forma saudável, como também prevenir ou, em último caso, responder a comportamentos desapropriados.

Vários estudos demonstraram que a comunidade escolar é um factor importante no que concerne questões relacionadas com o *bullying*. Os professores, como parte integrante da comunidade escolar, lidam com problemas de comportamento estudantil em primeiro lugar. É referido que a sensibilização e intervenção por parte dos professores, juntamente com o seu compromisso, podem reduzir situações de *bullying* em 50% (Olweus, 2001).

O vínculo estreito entre o *bullying* e o *cyberbullying* sugere que as percepções dos professores possam contribuir significativamente para combater o fenómeno. Dado que as percepções e crenças dos professores influenciam os seus comportamentos, entende-se que conhecer as suas percepções é um primeiro passo necessário para ajudar os professores a desenvolver um bom conhecimento e as competências necessárias para lidar com situações de *cyberbullying*. Como referem Patchin & Hinduja (2009), professores e outros profissionais que lidam diariamente com adolescentes tendem a ser mais pró-activos e a preocupar-se mais com questões específicas dos jovens. Ybarra, Diener -West & Leaf (2007) referem que:

findings support the need for professionals working with children and adolescents, especially those working in the schools, to be aware of the possible linkages between school behavior and online harassment for some youth.

Além disso, como os efeitos negativos podem ter um impacto, directo ou indirecto, sobre a aprendizagem dos alunos, os professores precisam de estar preparados para lidar com este assunto. Principalmente numa altura em que a sociedade, cada vez mais, toma conhecimento dos efeitos de uma indevida utilização das novas tecnologias, este estudo afigura-se como o primeiro passo na longa caminhada do combate ao *cyberbullying* ao auscultar os professores no que diz respeito aos seus conhecimentos e percepções face a este tema. Um profundo conhecimento das percepções dos professores e atitudes em relação ao *cyberbullying* é, por isso, imperativo, antes de podermos tocar em questões directamente relacionadas com a prevenção e intervenção num futuro próximo. Constitui uma mais-valia para futuros estudos nesta área, bem como para a projecção de um possível quadro de formação e o delineamento de estratégias a adoptar.

Uma breve revisão de bibliografia permitiu-nos identificar que, dentro do domínio da investigação sobre o *cyberbullying*, uma das áreas mais deficitária é a que se reporta à identificação dos conhecimentos, percepções e atitudes dos professores face ao fenómeno do *cyberbullying*. Face a esta constatação e à consciência e convicção de que os professores podem, e devem, ser elementos importantes no que concerne à prevenção, identificação e resolução de problemas de *cyberbullying*, optámos por centrar o nosso projecto nesta temática específica.

1.4. Organização da dissertação

O primeiro capítulo, em que se integra esta secção, foca-se na contextualização e apresentação geral do estudo. Procede-se ao enquadramento do fenómeno do *cyberbullying* no âmbito das novas tecnologias e a sua integração no quotidiano pela actual sociedade. Após uma breve descrição deste estudo, referimo-nos à importância do estudo e aos motivos que nos levaram a enveredar por esta temática de investigação. Por último, apresentamos a organização subjacente à dissertação.

O segundo capítulo diz respeito ao enquadramento teórico e subdivide-se em três secções. A primeira faz referência ao surgimento do fenómeno que assume o papel principal neste estudo: o *cyberbullying*. cremos que para entender o *cyberbullying* é necessário entender o *bullying*, ou *bullying* tradicional, daí procedemos à revisão da literatura existente até à data, apresentando o que define ambos os géneros, o que têm em comum e o que os distingue. De seguida, apresentamos o panorama actual no que concerne à investigação no âmbito do *cyberbullying*, apresentando as principais conclusões dos respectivos investigadores. Por último, expomos alguns estudos relacionados com a temática, mais focalizada nos pontos de vista e perspectivas dos professores.

O terceiro capítulo prende-se com o desenho do estudo e a metodologia de investigação adoptada. Destina-se, de igual forma, à apresentação dos objectivos e questões de investigação, bem como à apresentação dos instrumentos e procedimentos de recolha de dados.

No quarto capítulo procede-se à apresentação e análise dos dados recolhidos, relativamente a cada uma das dimensões que integraram o questionário.

O quinto, e último, capítulo, consiste na síntese das conclusões e considerações finais, ancoradas nos objectivos anteriormente delineados.

*“Os nossos conhecimentos são a reunião do raciocínio
e experiência de numerosas mentes.”*

Ralph Emerson

Capítulo II – Revisão de literatura

2.1. Do *bullying* ao *cyberbullying*

O *bullying* tradicional, uma forma (re)conhecida de violência juvenil, tem afectado as crianças e os jovens desde que existe. Historicamente, o *bullying*, contudo, é sem dúvida um fenómeno muito antigo. Todavia, nunca foi visto como algo que necessitasse de atenção, pois era considerado parte integrante da infância (Limber & Small, 2003). Apesar de poder ocorrer em qualquer lugar, está intimamente ligado ao contexto escolar, seja nas imediações físicas ou a caminho da escola. As novas tecnologias, porém, permitiram aos *bullies* estender as suas práticas agressivas para além do espaço físico da escola.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a violência um problema crescente da saúde pública a nível mundial, constituindo um factor de risco para o desenvolvimento humano. Segundo a OMS (1996), a violência caracteriza-se da seguinte forma:

*The intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, maldevelopment or deprivation.*⁵

Embora muitos estejam já familiarizados com o termo *bullying*, foi apenas no início dos anos 1970 que este fenómeno começou a ser investigado de forma sistemática (Olweus, 1993).

I define bullying or victimization in the following general way: A student is being bullied or victimized when he or she is exposed, repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more other students (Olweus, 1991 apud Olweus, 1993:9).

Segundo o autor (1993), o *bullying* (ou vitimização) consiste em comportamentos de abuso de poder entre pares, destinando-se intencionalmente, e de um modo continuado, a prejudicar os outros. De um modo geral, este comportamento agressivo e negativo envolve um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima que se caracteriza, de igual forma, por diferenças no que diz respeito à força física e ao estatuto social (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:17). Segundo Rigby (2007:15), “*bullying is repeated oppression, psychological or physical, of a less powerful person by a more powerful person or group of persons*”. Além disso, o autor (2007:21) estabelece que “*the rule is that if the ‘aggressor’ knows that the action is distressing another and is aware that the victim wants it to stop – and still continues – that is ‘bullying’*”.

⁵ <http://www.who.int/violenceprevention/approach/definition/en/index.html> (Acedido a: 16/07/2011)

Distingue-se ainda entre *bullying* directo e *bullying* indirecto (Olweus, 1993:10). O *bullying* directo caracteriza-se pelo facto do agressor atacar a vítima frente-a-frente com recurso à força física, incluindo, entre muitos outros, os actos de bater, empurrar, dar socos, retirar pertences, fazer gestos desagradáveis e/ou cuspir, ou mediante agressão verbal como insultos, discriminação ou ameaças, gozo, ridicularização, sarcasmo e acusações. Envolve, no mínimo, duas pessoas: o agressor e a vítima. No entanto, um grande número de pessoas pode estar indirectamente envolvido como audiência. Estes espectadores, denominados *bystanders* em inglês, podem ser outros alunos que testemunham o acontecimento mas que não se envolvem, frequentemente por recearem tornar-se as próximas vítimas se interferirem.

Para além do *bullying* físico, regista-se também a existência do designado *bullying* indirecto, ou *bullying* social, o qual se evidencia pela intenção de um indivíduo em induzir ou estimular comportamentos agressivos por parte de outros sujeitos relativamente à vítima conduzindo a que esta seja excluída, perseguida, humilhada e prejudicando as suas relações sociais. Apesar de, aparentemente, o *bullying* social ser menos gravoso que o *bullying* físico, existem estudos que apontam no sentido contrário e que indicam que a relação entre vitimização por *bullying* e a depressão é mais evidente relativamente ao *bullying* indirecto que ao *bullying* directo (Van der Wal, de Wit, & Hirasing, 2003 *apud* Kowalski, Limber & Agatston, 2008:26). Por outras palavras, poderá haverá mais razão de preocupação com o estado de espírito de crianças e adolescentes que são marginalizadas pelos pares, do que com aquelas que são agredidas fisicamente. Como as crianças e os adolescentes sentem a necessidade de pertencer ao seu grupo de pares e de serem aceites pelos seus colegas, muitos dão muito maior importância ao facto de serem excluídos do que agredidos por eles (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:26).

Talvez por desconhecimento das possíveis consequências, há uma tendência por parte de muitos adultos em frequentemente associar o *bullying* ao crescimento natural de qualquer criança. Está, contudo, provado que os danos emocionais provocados por este fenómeno podem ser grandes e irreversíveis. No seu estudo sobre os efeitos do *bullying* em crianças na Austrália, Rigby (1996) chegou à conclusão que as crianças que sofriam frequentemente ataques de *bullying*, pelo menos uma vez por semana, tinham duas vezes mais probabilidade de desenvolver o desejo de estarem mortas ou de pensar recorrentemente em suicídio. Na sua obra "*Bullycide: Death at Playtime*" (2011, reimpressão de 2001), os autores Neil Marr e Tim Field

relatam a luta que travam contra o *bullying*, referindo vários casos de jovens que se suicidaram no Reino Unido depois de terem sido vítimas de *bullying*.

Como o *bullying* e o *cyberbullying* podem ocorrer simultaneamente, considerámos igualmente pertinente mencionar neste ponto um estudo relacionado com o *cyberbullying* e o suicídio (2010) em que Hinduja e Patchin inquiriram de forma aleatória 1963 alunos provenientes do distrito escolar mais populoso dos Estados Unidos da América e concluíram que 20% dos alunos (19.7% de raparigas e 20.9% de rapazes) referiram pensar seriamente em tentar o suicídio, enquanto 19% dos alunos (17.9% raparigas e 20.2% de rapazes) relataram uma tentativa de suicídio. De acordo com os autores, estes dados são comparáveis com dados obtidos em estudos anteriores com foco nas populações adolescentes. Os autores referem que o contacto com o *cyberbullying* leva a depressão, pouca auto-estima, desespero e solidão - estados psicológicos habitualmente anteriores a pensamentos ou comportamentos suicidas. Referem também que houve alguns casos mediáticos, por exemplo o caso de Ryan Halligan⁶, que envolveram suicídio por parte de adolescentes por terem sido maltratados e perseguidos na Internet e de forma tradicional. Este fenómeno foi apelidado de *cyberbullycide* (ou *cyberbullicide*), coexistindo com o termo *bullycide* (ou *bullicide*). Este termo é aplicável quando um suicídio resulta directa ou indirectamente de experiências vividas através de agressão *online*. Os autores salientam que, embora este género de incidentes seja isolado e não represente a norma, é necessário ter cautela e tentar compreender eventuais situações devido à sua gravidade. Explicam que é improvável que a experiência com o *cyberbullying* por si só leve os jovens a cometer suicídio. Pelo contrário, tende a agravar a instabilidade e a falta de esperança dos adolescentes que já se defrontam com circunstâncias de vida stressantes.

Referimos, assim, o caso de Phoebe Prince, uma adolescente que se suicidou em 2010 após ter sofrido ataques de *cyberbullying* e *bullying* tradicional, que foi veiculado pelos órgãos de comunicação social como consequência directa da vitimização que sofreu pelos colegas. Verificou-se, mais tarde, que esta jovem já sofria questões emocionais e travava conflitos

⁶ <http://www.ryanpatrickhalligan.org> (Acedido a: 03/10/2011)

interpessoais ⁷. Acrescentamos também o caso de Megan Meier⁸ que foi amplamente conhecido e divulgado a nível internacional. Na Coreia do Sul, duas celebridades suicidaram-se após terem sido “severamente atacadas por inúmeras pessoas anónimas na Internet” (Mckenna, 2007). No Japão, uma aluna do 6º ano não reagiu bem aos comentários que uma colega deixou no seu site e agrediu-a mortalmente na escola com uma faca (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:85). Os adultos terão dificuldade em compreender as razões que levam alguém a cometer homicídio baseado em comentários deixados na Internet. Mas como Shimoda (2008 *apud* Aoyama & Talbert, 2010) indica, no caso da aluna japonesa, o sítio electrónico constituía um local fulcral onde podia expressar e exprimir-se devido às dificuldades de comunicação que tinha. Acresce o facto que, devido ao egocentrismo vivido pelos jovens na fase da adolescência, qualquer comentário negativo pode ser considerado insuportável (Aoyama & Talbert, 2010).

A nível nacional também houve um caso que chamou à atenção, nomeadamente o incidente do aluno Leandro que, alegadamente, se suicidou no rio Tua e (re)fomentou a questão do *bullying* na Sociedade⁹.

Note-se que, como Shariff (2009:24) indica, os alvos dos *bullies* sentem-se sem poder e possuem pouca auto-estima e respeito por si próprios, constituindo portanto um grupo bastante vulnerável do ponto de vista emocional e psicológico.

Torna-se igualmente importante clarificar os conceitos de *bullying* e *teasing*. Este último pode ser entendido como gozar ou arrelhar. A interacção social no dia-a-dia das crianças e jovens costuma envolver variadas situações de *teasing* e nem todas constituem motivo para preocupação. Boulton & Hawker (1997 *apud* Shariff 2009:35) referem que o acto de *teasing* se reveste de várias interpretações possíveis, dificultando a professores ou até mesmo a colegas reconhecer a existência de *bullying*, pois, além de poder conter mensagens escondidas, pode ser apenas algo proferido de forma espontânea e sem intenção. Haverá jovens ou adultos que lidarão de forma distinta com determinado tipo de discurso ou vocabulário, sendo que algo

⁷ http://www.slate.com/articles/life/bulle/features/2011/what_really_happened_to_phoebe_prince/the_untold_story_of_her_suicide_and_the_role_of_the_kids_who_have_been_criminally_charged_for_it.html (Acedido a: 03/10/2011) e <http://cyberbullying.us/blog/new-details-emerge-in-the-phoebe-prince-tragedy.html>

⁸ <http://meganmeierfoundation.cwsit.org/megansStory.php> (Acedido a: 03/10/2011)

⁹ <http://www.educare.pt/educare/Atualidade.Noticia.aspx?contentid=7803CC2BD66BDB46E0400A0AB8002557&opsel=1&channelid=0> (Acedido a: 04/10/2011)

passível de ser encarado como ofensivo por pais e professores, pode ser encarado com naturalidade pelos mais jovens. No entanto, é fulcral reconhecer em que ponto é que este tipo de discurso passa dos limites e se torna *bullying*.

Para concluir, Shariff (2009:28) refere que existe um conjunto de factores gerais que caracterizam o *bullying* nas escolas. Estes factores, contudo, também são passíveis de ser encontrados no ciberespaço, logo remetem, de igual forma, para o *cyberbullying*:

- Existe um desequilíbrio de poder que favorece o agressor de alguma forma em relação à vítima;
- Os agressores são, por vezes, apoiados por um grupo de pares, sendo que alguns encorajam activamente enquanto outros permanecem na sua posição de espectadores passivos sem ajudar a vítima;
- Os alunos vitimizados chamam à atenção negativamente e são excluídos pelo seu grupo de pares;
- A exclusão e o isolamento da vítima fortalecem a posição do agressor no grupo;
- O comportamento do *bully* não é solicitado nem desejado por parte da vítima;
- O agressor age de forma deliberada, repetida e, muitas vezes, implacável.

O impacto das tecnologias de informação e comunicação nas nossas vidas tem-se feito sentir nas mais diversas dimensões do nosso quotidiano, alterando a forma como estudamos, trabalhamos, ocupamos os nosso tempos livres e socializamos. Este fenómeno é particularmente patente nas faixas etárias mais baixas, de crianças e jovens, para quem o recurso às TIC é algo de natural e frequente, estando muitas vezes integrado nas suas rotinas diárias.

Shariff (2009:11) refere que o “comportamento dos alunos no ciberespaço é simplesmente uma extensão do mundo físico em que as crianças vivem”. Assim, não é de surpreender que as práticas e fenómenos de agressão que configuram o *bullying* se manifestem também nestes contextos virtuais, em que crianças e jovens se movimentam. O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) permitiu a propagação do *bullying* no mundo

virtual, dando lugar ao *cyberbullying* e ultrapassando, assim, os limites do espaço físico e temporal.

Embora partilhe determinadas características com o *bullying* tradicional, o *cyberbullying* "representa um fenómeno algo exclusivo que só recentemente começou a obter atenção" (Kowalski, Limber & Agatston, 2008:1). O facto de se propagar essencialmente pela Internet, fazendo uso das ferramentas da *Web 2.0*, e pelas redes móveis, nomeadamente mensagens escritas, converteu este fenómeno num problema à escala mundial que urge estudar para melhor intervir.

Ao contrário de outras formas de *bullying*, o *cyberbullying*, com o auxílio das TIC, "transcende as fronteiras do tempo" (Amado *et al.*, 2009b), pois uma vez publicado, o conteúdo pode permanecer durante muito tempo na Internet e ser difundido com extrema rapidez, mas também transcende "as fronteiras do espaço pessoal e físico" (Amado *et al.*, 2009b), porque as agressões podem ser perpetradas em qualquer lugar. Por outras palavras, o *cyberbullying*, ao contrário do *bullying* tradicional que ocorre perante a audiência dos colegas no espaço físico do recreio (Olweus, 1993), ultrapassa as mediações da escola e, através das tecnologias em rede, persegue a vítima até qualquer lugar e a qualquer hora, tornando-se por vezes omnipresente. Da mesma forma que comportamentos de *bullying* podem ser testemunhados por colegas, as mensagens ofensivas publicadas em ambiente virtual frequentemente pertencem ao domínio público e podem ser vistas por todos, inclusive por desconhecidos quer da vítima quer do *bully*.

A importância que o uso de dispositivos digitais como computadores e telemóveis, assume no quotidiano de muitas crianças e jovens, torna-os facilmente contactáveis por estes meios e, por isso, passíveis de serem vitimizados por estas vias.

De acordo com Kowalski, Limber & Agatston (2008:66), foi concluído por psicólogos sociais que qualquer pessoa sente a necessidade básica de ser incluída e aceite pelos outros. Por vezes, as pessoas agem directamente em função da aprovação dos pares, evitando o que se pode denominar por morte social. Não é de admirar, então, que qualquer situação de exclusão *online* possa ter um grande impacto emocional nos adolescentes dado que os jovens e adolescentes ainda se encontram num estágio de construção da sua personalidade. Shariff (2009) refere que o espaço virtual é de tal forma valorizado que as vítimas de *cyberbullying* demonstram ter relutância em relatar o que lhes sucede. A autora explica esta atitude com o

receio dos jovens em perder o telemóvel ou o acesso à Internet por imposição dos pais. De certa forma, preferem sofrer do que ser excluídos.

Willard (2007:1) descreve o *cyberbullying* como “ser cruel para os outros através do envio ou publicação de material nocivo ou praticando outras formas de agressão social utilizando a Internet ou outras tecnologias digitais”. Belsey (2004), por sua vez, define o fenómeno da seguinte forma:

Cyberbullying involves the use of information and communication technologies such as e-mail, cell phone and pager text messages, instant messaging (IM), defamatory personal Web sites, and defamatory online personal polling Web sites, to support deliberate, repeated, and hostile behaviour by an individual or group, which is intended to harm others (Belsey, 2004).

Aftab (2011)¹⁰, advogada, fundadora e directora executiva do sítio electrónico www.WiredSafety.org, limita a idade dos agressores na sua definição de *cyberbullying*, pois esclarece, baseando-se em leis vigentes, que apenas quando “*a minor uses technology as a weapon to intentionally target and hurt another minor, it's 'cyberbullying'*”. Segundo Patchin & Hinduja (2009:5), “*cyberbullying is willful and repeated harm inflicted through the use of computers, cell phones and other electronic devices.*”

Os *cyberbullies* utilizam telemóveis, PDA (*personal digital assistant*), sistemas de mensagens instantâneas, salas de *chat* e de vídeo, *sites* de redes sociais, blogues, fóruns, plataformas de jogos, ou seja, toda uma panóplia de dispositivos e serviços de comunicação digital que rapidamente, e frequentemente de forma anónima, lhes permite atingir as suas vítimas, mesmo no seio do seu espaço familiar.

Apesar de partilhar com o fenómeno do *bullying* muitos aspectos comuns, o *cyberbullying* é um fenómeno que assume algumas características que lhe são particulares, designadamente estarem associadas à natureza do espaço onde se desenvolvem, por exemplo quando estamos perante o recurso à Internet. Como Morais (2007) refere, todas as acções praticadas na Internet ficam sujeitas a quatro factores: persistência, pesquisabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis o que agrava o impacto emocional na vítima em relação ao *bullying* tradicional. Por todos estes factores, o estudo do fenómeno do *cyberbullying* nas suas diferentes dimensões, é, de facto, uma área de investigação que urge desenvolver.

¹⁰ Sítio electrónico pessoal de Parry Aftab: www.aftab.com.

2.2. Características do *cyberbullying*

Na secção anterior fizemos uma breve discussão em torno do fenómeno do *bullying* e do surgimento do fenómeno do *cyberbullying*, focando diversos aspectos que estes fenómenos apresentam em comum. Contudo, como admitem Vandebosch & Van Cleemput (2009), que transpor as características do *bullying* tradicional para o *cyberbullying* é mais difícil do que parece:

- No que diz respeito ao carácter intencional do *bullying* (da parte do perpetrador) e ao comportamento não-provocativo da vítima, a natureza específica dos meios de comunicação electrónica causa problemas, dado que pode haver mal-entendidos devido à ausência de *feedback* tangível (por exemplo o tom de voz ou a linguagem corporal).
- Além disso, é incerto se o critério de repetição faz sentido no caso do *cyberbullying*, dada a natureza permanente e constante de determinados meios de comunicação electrónica. Por exemplo, um único *site* com comentários difamatórios acerca de uma pessoa pode permanecer *online* durante semanas ou meses, enquanto comentários insultuosos proferidos face-a-face “desaparecem” depois de terem sido ditos.
- Que o *bullying* ocorre apenas em círculos sociais conhecidos é, também, menos evidente no caso do *cyberbullying*. Em ambiente *online*, é possível comunicar com conhecidos, mas também é possível contactar e ser contactado por estranhos.

Hinduja & Patchin (2009) e Vandebosch & Van Cleemput (2009), no que diz respeito ao desequilíbrio de poder em que assentam o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, referem que enquanto o poder no *bullying* tradicional pode assumir uma forma física (estatura) ou social (inteligência ou popularidade), o poder em ambiente virtual pode simplesmente traduzir-se em proficiência ou posse de algum conteúdo privilegiado (informações, imagens ou vídeo) que permita, deste modo, prejudicar alguém. Uma vez que os agressores não podem impressionar os outros com a sua aparência física, o poder está associado a um conhecimento tecnológico superior.

Segundo Willard (2007) existem sete categorias de acções que configuram acções de *cyberbullying* (Quadro 1).

<i>flaming</i>	envio temporário de comentários rudes ou ofensivos entre dois ou mais protagonistas; é bidireccional
<i>harassment</i>	assédio; envio múltiplo e constante de mensagens insultuosas; unidireccional
<i>denigration</i>	difamação; publicação de textos ou imagens (por vezes manipuladas) ou envio de informações a terceiros que visam espalhar rumores, interferir com amizades ou destruir a reputação do alvo; a vítima pode ou pode não ter conhecimento do conteúdo veiculado acerca de si
<i>impersonation</i>	através da obtenção da palavra-chave, o agressor faz-se passar pelo alvo e assume posições falsas ou adversas; pretende prejudicar ou interferir nas amizades da vítima
<i>cyberstalking</i>	perseguição; envio constante de mensagens nocivas que são muito intimidatórias ou extremamente ofensivas e/ou incluem ameaças e extorsão
<i>outing</i>	publicação, envio ou encaminhamento de mensagens particulares com conteúdo sensível, privado ou embaraçoso ou imagens íntimas, a terceiros
<i>exclusion</i>	exclusão do alvo de um grupo <i>online</i> (por exemplo jogo, blogue, fórum ou <i>buddy list</i>); um ou vários membros de um ambiente de comunicação protegido por palavra-chave decidem quem ostracizar

Fonte: Willard, 2007: 5-11

Quadro 1- Categorias de *cyberbullying* segundo Willard

Kowalski, Limber & Agatston (2008) acrescentam a estas categorias o fenómeno recente *happy slapping* que consiste em agredir alguém deliberadamente. O incidente é filmado e depois publicado na *Internet*. Em Portugal, recordamos, por exemplo, o caso que surgiu em Lisboa em Maio de 2011 e que envolveu duas menores que agrediram uma terceira enquanto um rapaz maior de idade filmou o incidente e o colocou nas redes sociais¹¹.

Geralmente, este acto é cometido por um grupo de adolescentes e o grau de gravidade é variável. Há, contudo, relatos de episódios que resultaram na morte devido aos ferimentos ou no suicídio das respectivas vítimas. Foi o caso de Triston Christmas¹² e Ekram Haque¹³, ambos em

¹¹ Este incidente foi publicado pelos meios de comunicação social e encontra-se, entre outros, disponível em: <http://aeiou.expresso.pt/video-de-espancamento-a-jovem-de-14-anos-choca-no-facebook=f650863> (Acedido a 03/10/2011)

¹² http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/london/4739608.stm (Acedido a 03/10/2011)

¹³ <http://www.bbc.co.uk/news/10331547> (Acedido a 03/10/2011)

Londres, que morreram após terem sido agredidos e os incidentes filmados em telemóvel para publicar em canais de vídeo *online*.

Yasukawa (2008, *apud* Aoyama & Talbert, 2010:189), por sua vez, reconheceu quatro padrões ao nível das práticas de *cyberbullying*:

- *E-mails* fraudulentos (*Deception E-mails*) consistem em e-mails enganosos que aparentam ter um remetente conhecido, pois existem na Internet sites que permitem criar mensagens em nome de terceiros (a vítima acredita que a mensagem foi enviada por alguém que conhece);
- *E-mails* em cadeia (*Chain mails*) intimidam o recipiente a enviar uma determinada mensagem para o maior número de pessoas sob pena de sofrer represálias se não o fizer;
- Perfis falsos em sites de redes sociais (*Masqueraded profiles on Social Networking Site*) são criados pelos *bullies* e servem para difamar as vítimas atribuindo-lhes características falsas, por exemplo prática de prostituição, cleptomania, homossexualidade, etc.;
- *Sites* escolares não oficiais (*Unofficial School Websites*) são criados pelos próprios alunos para possibilitar o encontro após a escola sem supervisão de adultos (estes sites exigem palavras-chave para entrar) e permitem fazer comentários sobre colegas, submeter imagens ou realizar votações.

Segundo Erikson (1995) e a sua teoria psicossocial, um adolescente é egocêntrico, pois acredita que é especial, invulnerável e capaz de tudo. Neste período de transição para a maioridade, os adolescentes sentem-se pressionados a encontrar a sua identidade e o seu lugar na sociedade enquanto tentam superar a sua confusão acerca do papel que irão desempenhar no futuro. Para o desenvolvimento dos adolescentes servem de referência os outros adolescentes, o que se reflecte na frequência com que os jovens utilizam a Internet para comunicar com os pares (Miller, Miller & Allison, 2010). Boyd (2008) refere que a interacção *online* promove a auto-descoberta e a formação da identidade dos jovens, baseando-se principalmente nas percepções e preferências dos colegas e pares ou tendências actuais. Segundo a autora, as redes sociais também servem como espaço público onde, por carecer de controlo e de regulamentação, os jovens podem “ver e ser vistos” (Boyd, 2008). A Internet é vista pelos adolescentes como “uma oportunidade de explorar o mundo adulto sem supervisão” (Wing, 2005:12) e qualquer adolescente sente a necessidade de encontrar um local onde possa

estar com outros jovens sem se sentir constantemente vigiado por adultos. O ciberespaço é uma alternativa que permite (re)criar os locais pretendidos para socializar. Contudo, é precisamente esta ausência de supervisão que pode facultar condições para o surgimento de situações problemáticas no ciberespaço.

Como explicam Hinduja & Patchin (2009:20-25), algumas das características que tornam as tecnologias digitais, nomeadamente as ferramentas da *Web 2.0*, tão apelativas e valiosas para o nosso dia-a-dia são, também, responsáveis pela própria propagação do *cyberbullying*, distinguindo-o claramente do *bullying* tradicional.

Qualquer cibernauta sabe que há falta de supervisão no ciberespaço. Pode haver, ocasionalmente, censura de alguns *posts* por parte dos administradores de determinados *sites*, mas as mensagens privadas não são controladas. De igual forma, as imagens publicadas em páginas de redes sociais carecem de qualquer tipo de controlo, bem como os Emails e os SMS. Esta questão adquire contornos mais complexos e agravados quando os computadores se encontram nos quartos dos jovens e os pais não possuem a suficiente destreza informática para se inteirarem do que possa estar a acontecer. Bandura (1991 *apud* Shariff & Hoff, 2007) refere que a distância física de estruturas hierárquicas cria um contexto em que os jovens podem trivializar ou ignorar o seu mau comportamento.

A possibilidade (e facilidade) de actuar sob anonimato no contexto do ciberespaço é, também, um dos elementos a considerar no fenómeno do *cyberbullying*, pois torna-o mais complexo e mais atraente para alguns utilizadores (Neves & Pinheiro (2009). As contas de *e-mail* temporárias ou *nick names* em salas de *chat* ou programas de mensagens instantâneas permitem o anonimato do *bully* electrónico (*electric bully*), permitindo-lhe, assim, libertar-se das regras da sociedade, da consciência, moralidade e ética, agindo de forma diferente e, talvez, mais “corajosa” do habitual (Hinduja & Patchin, 2009:20). Os autores chamam, no entanto, à atenção que o anonimato é algo efémero devido ao registo no histórico e às pegadas digitais, ou *IP (Internet Protocol address)*, de cada computador. Shariff & Hoff (2007) ilustram de forma interessante a actualidade do tema e este aspecto inerente ao *cyberbullying*. Comparam o fenómeno do *cyberbullying* com a obra literária “*Lord of the Flies*” de William Golding de 1954. Nesta obra, Golding coloca um pequeno grupo de alunos náufragos numa ilha deserta que, sem supervisão de adultos, têm que lidar com a situação; acabam por perseguir-se uns aos outros,

aterrorizar-se e até matar-se. As autoras explicam que o *cyberbullying* também coloca os jovens numa ilha deserta sem supervisão e com muito poucas regras. Além disso, à semelhança da obra, onde os alunos descobrem que é mais fácil ser malvado ao assumir outra identidade e pintar a cara a favor do anonimato, na vida real, os *cyberbullies* optam por pseudónimos ou por esconder o seu *IP*.

Assim, devido à possibilidade de alguém poder esconder-se por detrás de um pseudónimo na Internet quando perpetua ataques *online*, o *cyberbullying* já foi apelidado de “a variante covarde do *bullying*” (Belsey, 2010). Esta ilusão de “invisibilidade” pode influenciar o comportamento dos cibernautas uma vez que, provavelmente, não agiriam da mesma forma se estivessem numa comunicação frente-a-frente, um fenómeno conhecido como “desinibição” de acordo com Willard (2004; 2007:81-83), Patchin & Hinduja (2009) e Kowalski, Limber & Agatston (2008). Suler (2004) apelida o fenómeno de “*the online disinhibition effect*” e explica que a desinibição pode ocorrer de duas formas. É necessário distinguir entre “desinibição benigna”, que ocorre quando as pessoas partilham aspectos muito íntimos acerca da sua vida pessoal, nomeadamente emoções, medos ou desejos ou até generosidade não habitual, e “desinibição tóxica”. A maior parte dos autores foca a segunda vertente que se prende com linguagem ofensiva, raiva, ódio e ameaças. Sob o manto do anonimato, muitos utilizadores sentem-se desinibidos no ciberespaço, algo que em determinadas situações pode ser bastante positivo, porém, no contexto a que nos estamos a reportar pode ter efeitos nefastos. Segundo Suler (2004), quando as pessoas têm a possibilidade de separar as suas acções *online* da sua identidade real, sentem-se menos vulneráveis, pois o que dizem ou fazem não pode ser associado a elas. O autor acrescenta que, neste processo de dissociação,

“the online self becomes a compartmentalized self. In the case of expressed hostilities or other deviant actions, the person can avert responsibility for those behaviors, almost as if superego restrictions and moral cognitive processes have been temporarily suspended from the online psyche. In fact, people might even convince themselves that those online behaviors “aren’t me at all”.”

Suler (2004) refere que a conjugação do anonimato ou a capacidade de dissociação dos actos *online* com o processo psicológico de criação de personagens imaginários, amplifica a desinibição. Consciente ou inconscientemente, as pessoas podem sentir que os personagens imaginários que “criaram” existem num espaço diferente e que se trata de uma “pessoa” a conviver com outras *online*, numa dimensão de faz de conta que fica para além das exigências e

responsabilidades do mundo real. Neste caso, conseguem separar ou dissociar a ficção *online* dos factos *offline*. O autor cita Finch (2002) que refere que algumas pessoas percebem a vida que vivem no ciberespaço como um género de jogo com regras e normas que não se aplicam à vida real. Hinduja & Patchin (2009:22) referem que a desinibição torna mais difícil controlar os actos impulsivos porque os resultados de comportamentos desapropriados não estão logo à vista. Além disso, os *cyberbullies* não lidam directamente, nem de forma imediata com os efeitos do *bullying* frente-a-frente, não sabendo distinguir quando estão a chegar ao limite do sujeito vitimizado, dado que a sua linguagem corporal não é visível e pode haver um desfasamento no tempo entre a realização do acto e a percepção das suas consequências.

Segundo Willard (2007:80), o *cyberbully* não sentirá nem pena, nem empatia pela vítima, pois não existe *feedback* visual ou oral. Como ocorre através da tecnologia, ao invés de frente-a-frente, os autores não podem ver as reacções emocionais das suas vítimas. A autora explica que, quando conversamos presencialmente, somos capazes de moderar o nosso comportamento de acordo com o efeito que este possa ter no nosso parceiro de diálogo, como por exemplo, nervosismo, aumento da ansiedade, corar, expressão facial, etc. Por outras palavras, os nossos comportamentos na vida real são, muitas vezes, uma resposta às reacções emocionais dos outros. A incapacidade de ler a reacção emocional do outro também se estende da vítima ao agressor. Não existem pistas contextuais para a vítima interpretar as mensagens que recebe; não pode verificar o rosto do seu potencial agressor para tentar perceber o significado do discurso.

Outra característica do *cyberbullying* que demonstra a complexidade do fenómeno prende-se com a natureza “viral” (Hinduja & Patchin, 2009:21) da propagação da informação nas redes digitais, quer seja ela positiva ou negativa. Um boato ou uma imagem podem circular pela Internet e, de um momento para o outro, resultar em aumentos exponenciais da sua divulgação, com processos similares à extensão de uma epidemia que atinge conhecidos e desconhecidos.

Como já referido, as vítimas de *bullying* podem sofrer consequências graves, nomeadamente depressão, ansiedade, pouca auto-estima, insucesso escolar e fobias sociais relacionadas com a escola (Olweus, 1993; Ybarra, 2004; Kowalski, Limber & Agatston, 2008; Shariff, 2008). Os efeitos a longo prazo que advêm da vitimização *online* podem ser semelhantes

às consequências vividas pelas vítimas do *bullying* tradicional ou podem ser piores (Willard, 2007; Kowalski, Limber & Agatston, 2008; Hinduja & Patchin, 2009; Ayoama & Talbert, 2010). Prendem-se, em parte, com a natureza intencional do comportamento, pois como Akwagyiram (2005 *apud* Kowalski, Limber & Agatston, 2008:86) refere, “não é apenas o facto de ser magoado... as pessoas magoam-se durante acidentes. Tem a ver com o facto de alguém ter escolhido magoar-nos intencionalmente.”

Hinduja & Patchin colocaram várias citações no seu livro “*Bullying beyond the Schoolyard*” (2009) que retiraram dos comentários por parte dos jovens que responderam aos seus questionários. A citação que se encontra na primeira página ilustra a gravidade do fenómeno do *cyberbullying* pelo olhar de uma jovem de catorze anos:

*Being bullied besides over the Internet is worse. It's torment and hurts. They say sticks and stones may break my bones but words will never hurt me. That quote is a lie and I don't believe in it. Sticks and stones may cause nasty cuts but those cuts and scars will heal. Insultive words hurt and sometimes take forever to heal. (14-year-old girl from New Jersey *apud* Hinduja & Patchin, 2009:1)*

Concluimos que este ditado popular inglês (“*Sticks and stones may break my bones but words will never hurt me.*”) não corresponde à verdade, principalmente se tivermos em conta a ubiquidade das novas tecnologias que permitem uma perseguição integral da vítima. O *cyberbullying* torna-se possível através de vários meios de comunicação e ao longo de vinte e quatro horas, sete dias por semana, pois mesmo que uma vítima esteja a dormir, é possível colocar comentários ofensivos na sua página da rede social, encaminhar conteúdo difamatório ou enviar SMS agressivos. Mesmo que o telemóvel ou o computador se encontrem desligados, as agressões ficam em standby, à espera que o dispositivo seja ligado.

2.3. O fenómeno do cyberbullying: um breve estado da arte

Se relativamente ao *bullying* directo tem havido muita pesquisa e investigação, o mesmo não se poderá dizer acerca do *cyberbullying* (Belsey, 2010; Hernandez Prados & Solano Fernandez, 2007), o que:

...se pode explicar pelo facto de os meios utilizados serem muito recentes e de estarem a ser objecto de um crescimento exponencial e, sobretudo, pelo facto de as Novas

tecnologias terem criado novos ambientes de interacção, essencialmente explorados pelos jovens, que se caracterizam por uma presença virtual e não física (Amado et al., 2009b).

A tendência está, felizmente, a mudar a nível internacional, o que comprovam os estudos a que nos reportaremos. Comum a quase todos é o facto de terem chegado a conclusões idênticas: a preocupação com o *cyberbullying*. Vandebosch & Van Cleemput (2009) afirmam que este fenómeno “*among youngsters is not a marginal problem*”.

Hinduja e Patchin (2009) referem que um dos primeiros estudos a ser realizado neste âmbito, decorreu entre 1999 e 2000. Neste estudo, Ybarra & Mitchell (2004) realizaram um inquérito por telefone a 1498 utilizadores de Internet com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos. Os dados resultantes indicaram que 19% dos jovens tinham agredido ou tinham sido agredidos *online* no ano anterior. Mais especificamente, 4% dos inqueridos eram vítimas, 12% eram agressores e 3% desempenhavam ambos os papéis. A grande maioria dos agressores (84 %) conhecia pessoalmente as suas vítimas enquanto apenas 31% das vítimas conhecia os seus agressores. Os autores indicam que o *cyberbullying* não é um evento que decorre de forma aleatória entre desconhecidos, trata-se de um acto deliberado.

Kowalski, Limber & Agatston referem na sua obra “*Cyberbullying*” (2008) vários estudos internacionais. Segundo as autoras, o primeiro estudo a investigar sistematicamente o fenómeno na Grã-Bretanha, efectuado pelo *National Children’s Home* (NCH) em 2001 e publicado em 2002, chegou à conclusão que, das 856 crianças e jovens inquiridas com idades entre os 11 e os 19 anos, um quarto tinha sido vítima de *cyberbullying*, nomeadamente 16% tinham sido alvo de *bullying* por *SMS*, 7 % via salas de *chat* na Internet e 4% através de correio electrónico. Das crianças e jovens afectadas, 29% tinham mantido o segredo, mas 69% tinham contado a alguém acerca do *bullying*, dos quais se destacam os amigos (42%), pais (32%), irmãos (14%), professores (12%) e agentes da polícia (7%). As raparigas, em relação aos rapazes, eram duas vezes mais propensas a admitir que tinham sido assediadas via *SMS* (21% versus 12%). Por outro lado, os rapazes eram duas vezes mais atacados em salas de chat (9% versus 5%). No que diz respeito à vitimização por Email, a diferença entre rapazes (5%) a raparigas (3%) era irrelevante. Em 2005, a *National Children’s Home* (NCH) repetiu o estudo, desta vez em parceria com a empresa de telecomunicações Tesco Mobile. Dos 770 inquiridos no mesmo intervalo de idades, 20% referiram já ter sido vítimas de *cyberbullying*, dos quais 14% por *SMS*, 5% em salas de *chat* e 4% através de Email. 26% desconheciam a identidade do perpetrador e 28% referiram

não ter contado a ninguém acerca do sucedido. Neste estudo, 11% revelaram já ter desempenhado o papel de *cyberbully*.

Em outro estudo britânico realizado por Smith, Mahdavi, Carvalho, & Tippett (2006) realizado em 2005 (*Anti-Bullying Alliance Study*), 22% dos alunos participantes na faixa etária dos 11 aos 16 anos de idade, informaram que tinham sido vitimizados por meios electrónicos pelo menos uma vez nos dois meses anteriores à pesquisa. O questionário aplicado pelos investigadores estudou a incidência do fenómeno dentro e fora da escola e distinguiu entre sete tipos de *cyberbullying*: por mensagens escritas (*SMS*), imagem ou vídeo (através da câmara do telemóvel), chamada telefónica, correio electrónico, sala de *chat*, mensagens instantâneas e páginas de Internet. Os métodos mais comuns em que o *cyberbullying* tinha ocorrido foram via chamadas telefónicas, *SMS* e correio electrónico. As taxas de vitimização eram significativamente mais altas entre as raparigas do que os rapazes. Cerca de um terço das vítimas não terá contado nada acerca do *cyberbullying*, além de muitos não conhecerem a identidade dos autores dos ataques.

Patchin & Hinduja (2006) realizaram uma pesquisa baseada nas respostas obtidas a partir de um inquérito realizado *online* sobre o *cyberbullying*. Criaram uma hiperligação para o questionário a partir do *site* de uma cantora feminina popular. Embora qualquer pessoa com acesso à Web pudesse responder, a maioria dos inquiridos era proveniente de países de língua oficial inglesa, nomeadamente os Estados Unidos (59,1%), Canadá (12%) e Reino Unido (9,1%). Entre os inquiridos menores de 18 anos, 11% confessaram cometer *cyberbullying* e 30% referiram ter sido alvo de *cyberbullying*. Quase metade (47%) da população de menores de 18 anos indicou que teria observado *cyberbullying online*. Entre as vítimas, as formas e os locais mais propícios à vitimização por *cyberbullying* seriam as salas de *chat* (21,9%), seguido de mensagens instantâneas (13,5%) e correio electrónico (12,8%). Os *cyberbullies*, por sua vez, referiram actuar em salas de *chat* (7,6%) e através de mensagens instantâneas (5,2%). Mais tarde replicaram o estudo com uma amostra maior e obtiveram os seguintes resultados: mais de 32% dos rapazes e mais de 36% das raparigas indicaram ter sido vitimizados, enquanto 18% dos rapazes e 16% das raparigas eram agressores.

Na pesquisa de Kowalski & Limber (2006), 3.767 alunos do 6º ao 8º ano de escolaridade preencheram um questionário anónimo acerca das suas experiências com o

bullying tradicional e com o *cyberbullying*. Os alunos preencheram uma versão adaptada do questionário do tipo Bully/Vítima segundo Olweus (Olweus, 1996/2004), constituído por 39 questões a analisar as suas experiências gerais em termos de *bullying* e outras 23 perguntas que foram criadas especificamente para o contexto do *cyberbullying* (p. ex.: "Quantas vezes foste intimidado por via electrónica nos últimos dois meses?"). Foi definido como "*bullying electrónico*": "*bullying* através de correio electrónico, mensagens instantâneas, em salas de *chat*, em *sites* ou através de mensagens escritas e enviadas para telemóvel. Neste mesmo estudo, 18% dos alunos inquiridos referiram ter sido intimidados por via electrónica pelo menos uma vez nos dois meses anteriores ao inquérito e 6% pelo menos 2 a 3 vezes por mês. 11% dos alunos descreveram ter exercido *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos dois meses e 2% pelo menos 2 a 3 vezes por mês. Dos alunos que afirmaram ter sido vítimas pelo menos uma vez nos dois meses anteriores ao estudo, indicaram que o *bully* seria um aluno da escola (52%), um amigo (36%) e um irmão (13%). Quase metade (48%) dos alunos referiu não conhecer o autor dos ataques electrónicos. Da mesma forma, dos *cyberbullies* que tinham actuado pelo menos uma vez, 41% descreveram ter assediado um aluno da escola, 32% tinham intimidado um amigo, e 12% tinham intimidado um irmão ou uma irmã. Como veículo mais utilizado para sofrer os ataques, destacaram-se as mensagens instantâneas com 67%, as mensagens proferidas em sala de *chat* com 25% e *e-mails* com 24%. Os atacantes referiram operar por mensagens instantâneas (56%), salas de *chat* (23%) e correio electrónico (20%).

Um estudo relacionado com o anterior (Agatston & Carpenter, 2006), inquiriu uma amostra de alunos da mesma faixa etária, embora menor em número, e concluiu que 18% dos alunos (27% do sexo feminino e 9% do sexo masculino) referiram ter sido vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez nos dois meses anteriores. O meio mais comum pelo qual o *cyberbullying* ocorrera fora através de mensagens instantâneas (52%) e através mensagens colocadas em *sites* (52%). O aumento da prevalência das páginas na Internet como veículo para exercer *cyberbullying* em relação ao estudo de Kowalski e Limber (2006), cujos dados foram reunidos em 2005, reflecte a crescente prevalência dos *sites* de redes sociais como ferramentas de comunicação interpessoal entre os adolescentes.

Existem vários estudos que indicam um forte vínculo entre o *cyberbullying* e os problemas de comportamento na escola, muito em especial com o *bullying* tradicional. Entre eles, o estudo de Ybarra, Diener-West & Leaf (2007) que, baseado num questionário a 1588

alunos americanos com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, procurou estabelecer a relação entre diferentes formas de agressão *online* e aspectos relacionados com a escola. Correlacionaram actos de *cyberbullying* com o desempenho académico, assiduidade, detenções e suspensões e porte de armas para a escola nos trinta dias anteriores ao preenchimento do questionário. Constatou-se que, apesar de haver alguma sobreposição, a maioria dos jovens vitimizados *online* não referiram ser também vitimizados na escola. Tendiam, todavia, significativamente a referir uma ou mais detenções ou suspensões e falta de assiduidade no ano anterior. Considera-se particularmente preocupante o facto de estes mesmos jovens se revelarem altamente propensos a trazerem armas para a escola, oito vezes mais que os restantes alunos.

Dos 1588 jovens inquiridos no âmbito do *Growing up with Media Survey* (Ybarra, Diener-West & Leaf, 2007), um em três alunos (34,5%) que frequentavam o ensino público ou particular mencionaram pelo menos um incidente de *bullying* no ano anterior, enquanto 8% dos alunos referiram situações de vitimização mensais ou com maior frequência. Os autores do estudo consideraram que *“Internet harassment appears to be an important adolescent health issue with implications for school health specifically”* (Ybarra, Diener-West & Leaf, 2007) e aconselham que se preste mais atenção à possível ligação entre problemas de comportamento na escola e *cyberbullying*.

Constatações semelhantes foram obtidas num estudo realizado no Canadá por Beran & Li (2007). Neste estudo foram questionados 432 alunos do sétimo ao nono ano em relação às suas experiências com *bullying*. Os resultados indicaram que os alunos vitimizados *online* também costumavam vitimizar os seus colegas *online* e ser vitimizados *offline*, na escola. Além disso, os alunos que apenas sofriam ataques de *cyberbullying* e os alunos vitimizados tanto *online* como *offline*, apresentavam dificuldades na escola, como pouco rendimento escolar, falta de concentração e absentismo elevado. Os resultados sugeriram que o *bullying* dentro ou fora da escola pode ter um impacto na aprendizagem. As autoras, em vez de considerar o *cyberbullying* um fenómeno à parte, propõem que o mesmo seja considerado uma nova forma de *bullying*. Explicam que o *cyberbullying* se resume a outra forma indirecta de *bullying* em que o agressor perpetra os ataques não cara-a-cara, mas através de uma interface (por exemplo através do computador ou telemóvel).

Consideramos as conclusões destes últimos dois estudos importantes porque sublinham a importância do nosso estudo e, também, a necessidade de conhecer as percepções daqueles que lidam diariamente com jovens. Os autores referem, mediante os dados que obtiveram, que existe uma sobreposição entre o *cyberbullying* e o *bullying*. Por outras palavras, um adolescente pode ser vitimizado nos dois locais onde passa a maior parte do seu tempo, na escola e na Internet. O que acontece concretamente, é que a linha que anteriormente separava a escola da vida depois da escola esbateu-se. tendo em conta que estes jovens deixam adivinhar um perigo para a saúde pública, além do perigo que constituem para eles próprios, os professores e demais envolvidos no processo educativo precisam de estar preparados para lidar com esta situação. De acordo com o seu estudo de 2006, Li refere que apenas 64,1 % dos jovens inqueridos considera que os adultos tomam medidas após terem conhecimento da ocorrência de *cyberbullying*. Acreditamos que os professores, ao serem considerados pessoas com conhecimentos a quem possam recorrer, estes números aumentem.

Vandebosch & Van Cleemput (2009), após questionarem 2052 alunos de escolas primárias e secundárias em Flandres (Bélgica), concluíram que existe uma forte ligação entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, pois situações que ocorrem *offline* têm muita probabilidade de serem continuadas *online*. Explicam, no entanto, que, neste caso, agressor e vítima mantêm o seu papel, não havendo evidência para o fenómeno *revenge of the nerds*¹⁴ (Vandebosch & Van Cleemput, 2009). Constataram, também, que alguns dos alunos que perpetraram ataques de *cyberbullying* já experienciaram, em outras alturas, actos de *cyberbullying* na condição de vítimas ou testemunhas. Este facto, referem as autoras, poderá indicar a existência de reacções em cadeia, nomeadamente a transformação de agressores em vítimas e vice-versa, resultando, em último caso, numa cultura de *cyberbullying*.

Beran e Li (2007) explicam que também existe a possibilidade que crianças que são alvo de *bullying* na escola tentarem retaliar através da tecnologia. Neste sentido, estudos anteriores indicam que crianças vitimizadas são capazes de vitimizar outras. Espelage & Swearer (2003) desafiaram a percepção que crianças podem ser classificadas simultaneamente de *bullies* e

¹⁴ Vingança dos "cromos" (tradução nossa); "Nerd" - é um termo que descreve, de forma estereotipada, muitas vezes com conotação depreciativa, uma pessoa que exerce intensas actividades intelectuais, que são consideradas inadequadas para a sua idade, em detrimento de outras actividades mais populares. Por essa razão, um *nerd* muitas vezes não participa de actividades físicas e é considerado um solitário pelas pessoas. Pode descrever uma pessoa que tenha dificuldades de integração social e seja atrapalhada, mas que nutre grande fascínio por conhecimento ou tecnologia." (Wikipedia, 31/08/2011)

vítimas. Argumentaram que há crianças que, a dada altura desempenham um determinado papel, noutra altura desempenham outro.

O projecto EU KIDS ONLINE, promovido pela Comissão Europeia e realizado nos estados membros da União Europeia tem vindo a realizar inquéritos periódicos que visam analisar a utilização das novas tecnologias por parte das camadas mais jovens, traçando comparações com os respectivos ambientes sociais. Em 2011 foram também avaliadas questões relacionadas com o risco e a segurança *online*, nomeadamente a partilha de informação pessoal, a exposição a conteúdos desapropriados e o *cyberbullying*. No que diz respeito à comunicação *online*, e quando questionados acerca do facto se é mais fácil serem eles próprios na Internet do que presencialmente, 50% dos jovens inquiridos entre os 11 e os 16 anos refere que é um pouco verdade, enquanto a outra metade discorda. Entre estes jovens, 45% refere que falam de assuntos diferentes na Internet do que na vida real e 55% indica falar dos mesmos assuntos. 32% dos jovens inquiridos admite falar sobre questões sensíveis que não costuma revelar num contexto de cara-a-cara, o que não é partilhado pelos restantes 68%. Quando questionados acerca da proveniência dos conselhos que recebem relativamente a questões relacionadas com a utilização da Internet em segurança, a média europeia foi a seguinte: 63% dos jovens indica que os conselhos provêm dos pais, 58% revela que são os professores que os elucidam sobre os riscos e 44% referem os colegas. No caso específico de Portugal, a ordem é distinta da média europeia, pois 68% dos jovens indicam que receberam conselhos de utilização por parte dos professores, 61% por parte dos pais e 45% por parte dos colegas.

Predominantemente, os estudos existentes têm tentado correlacionar os factores género, idade e uso da Internet com o envolvimento em *bullying* tradicional e *cyberbullying*. Contudo, a pesquisa actual não oferece uma visão clara no que diz respeito às diferenças de género e a sua relação com a prática de *cyberbullying*. Apesar de Li (2006) observar que os agressores masculinos predominavam no seu estudo, outros (Patchin e Hinduja, 2006; Smith *et al.*, 2008) não encontraram diferenças significativas entre os géneros. Kowalski & Limber (2007), por sua vez, afirmaram que, no seu estudo, as meninas superavam os meninos como agressores virtuais. Quanto ao risco de os jovens se tornarem vítimas de *cyberbullying*, alguns autores (Li, 2006; Patchin & Hinduja, 2006) encontraram riscos iguais para ambos os géneros, enquanto outros (Li, 2007; Smith *et al.*, 2006) relataram valores mais elevados para as meninas do que

para os meninos. Por exemplo, no estudo de Li (2007), quase 60 por cento das vítimas eram femininas.

Quanto à idade dos *cyberbullies*, não existe um consenso geral: por um lado, alguns autores descobriram que os jovens mais velhos têm um maior risco de envolvimento em *cyberbullying* relativamente aos mais novos (Smith *et al.*, 2008). Por outro lado, Patchin & Hinduja (2006) não encontraram diferenças significativas no que respeita a idade dos *cyberbullies*. Uma série de estudos descobriram que a possibilidade de ser vítima de *cyberbullying* aumenta à medida que os jovens envelhecem (Kowalski & Limber, 2007; Patchin & Hinduja, 2006) e outros não encontraram relação entre a idade e a vitimização por *cyberbullying* (Smith *et al.*, 2006, 2008).

No que diz respeito à relação entre a frequência de utilização do computador/Internet e a vitimização *online*, Li (2007) não encontrou uma relação significativa. Ybarra (2004), por sua vez, identificou que existe uma relação importante entre a frequência de uso da Internet e de programas de mensagens instantâneas por parte das meninas e o facto de se tornarem vítimas; algo que não foi considerado relevante no universo masculino. Patchin & Hinduja (2006) chegaram a uma conclusão semelhante: os jovens mais activos eram mais propensos a experiências de *cyberbullying*. Em particular, o uso de programas de mensagens instantâneas e de *webcams* aumentava a probabilidade de se tornarem repetidamente vítimas de *cyberbullying*, como refere o estudo de de Juvonen e Gross (2008).

O fenómeno do *cyberbullying* não parece ser uma ocorrência isolada. Como demonstrado por Smith, *et al.* no seu estudo referente à natureza e impacto do *cyberbullying* em alunos dos 11 aos 16 anos de idade (2008), a taxa de incidência de vitimização, em algum momento no mês anterior ao seu estudo foi de 45,6% e a de *cyberbullying* 22,2%. Além disso, os investigadores chegaram à conclusão que muitas das vítimas *online* já o tinham sido *offline*, o que indica que a causa e o efeito de ambas as formas podem ser comparáveis.

As ameaças provenientes da Internet e esta nova forma de *bullying* que utiliza as tecnologias da informação e comunicação têm recentemente suscitado, em Portugal, preocupações entre os pais, políticos, professores e agentes de segurança. Apesar disso, e como referem Amado *et al.* (2009a), apenas um número limitado de pesquisas abordaram este problema em específico, tornando, assim, difícil formar um quadro realista da situação em

Portugal. A investigação até ao momento ainda se encontra baseada em relatórios individuais e de grupo, em pequenos estudos realizados, a fim de diagnosticar a incidência de *cyberbullying* nas escolas (para preparar futuras acções) ou em busca de graus académicos. Num outro trabalho, e reafirmando que são poucos e limitados os estudos sobre *cyberbullying*, Amado *et al.* (2009b) destacam a pesquisa de Almeida *et al.* (2008) apresentada na *4ª World Conference: Violence in Schools and Public Places*, e na qual os autores procuram «identificar em que medida o recurso a estas práticas está relacionado com padrões de empatia e descomprometimento moral em agressores, vítimas e observadores, numa amostra de adolescentes portugueses» (Almeida *et al.*, 2008 *apud* Amado *et al.*, 2009b).

Um outro estudo, disponível no Repositório da Universidade do Minho e intitulado "*Cyberbullying* em Portugal: uma perspectiva sociológica" (Pinheiro, 2009); apresenta-se um estudo exploratório do fenómeno do *cyberbullying* entre os jovens portugueses universitários, no qual são referidas as motivações psicológicas e sociais que podem estar na base destes comportamentos, para concluir que estas práticas facilmente se tornam viciantes.

No que concerne a estudos sobre os conhecimentos, percepções e atitudes dos professores relativamente ao fenómeno do *cyberbullying* não nos foi possível identificar nenhum estudo realizado em Portugal o que reforçou a nossa convicção quanto à importância de levar a cabo este projecto de investigação. Faremos de seguida uma revisão de alguns estudos focados em outros países ou de carácter internacional, e que abordam as perspectivas e experiências dos professores relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*.

2.4. O fenómeno do *cyberbullying*: o olhar dos professores

Bhat (2008) refere que a maioria dos professores tem receio em abordar a questão do *cyberbullying* e os alunos envolvidos porque não sabe como fazê-lo. Por um lado, o tema ainda é muito recente e suscita muitas dúvidas, por outro lado, as situações de agressão *online* não costumam ocorrer nas imediações da escola ao contrário do *bullying* tradicional. Contudo, os efeitos do *cyberbullying* reflectem-se no rendimento escolar e são sentidos na escola. Como refere Olweus (1993), uma grande parte do *bullying* que acontece nas escolas pode ser evitado se os professores e auxiliares estiverem atentos. Da mesma forma, Li (2008) sublinha a

importância das percepções e crenças por parte dos professores na sua prática lectiva no que diz respeito a desenvolver competências e conhecimento na área do *cyberbullying*.

Preocupada com as percepções de professores estagiários acerca do *cyberbullying* no Canadá, Li (2008) desenvolveu um estudo pioneiro de forma a investigar como os professores sem experiência docente encaram esta nova realidade nas escolas e se eles se sentem preparados para lidar com possíveis situações de *cyberbullying*. O estudo foi levado a cabo através do preenchimento de um questionário, tendo sido inquiridos 154 professores estagiários. Após a recolha e análise dos dados, Li refere que 31,9% dos professores estagiários acreditava que o *cyberbullying* constituía um problema nas escolas, enquanto 15,9% julgava o contrário. Cerca de metade (45%) dos inquiridos assumia uma posição neutra face à questão.

Quando questionados acerca da influência do *cyberbullying* nas crianças, a maioria (65,5%) dos professores estagiários envolvidos no estudo de Li (2008) referiu estar convicta que o *cyberbullying* afecta as crianças enquanto 10,5% discordam. Metade (49,7%) dos professores inquiridos concordava estar preocupada com o *cyberbullying*, a outra metade, contudo, discordava (22,6%) ou mantinha uma posição neutra (27,8%). No que diz respeito à confiança que os professores estagiários afirmavam possuir para lidar com o *cyberbullying*, a maioria referiu não se sentir preparada nem para identificar (53,3%), nem para gerir situações de conflito (60,1%).

Uma grande maioria dos inquiridos atribuiu responsabilidade às escolas face ao combate do *cyberbullying*, apontando no sentido de que será necessário definir linhas gerais, dialogar com os pais e formar pessoal. Contudo, as opiniões dos professores estagiários dividiam-se quanto ao empenho por parte dos professores, nomeadamente em actividades dinamizadas em sala de aula ou através do currículo.

81,8% dos inquiridos afirmaram que o seu percurso académico não lhes dera oportunidade de serem devidamente preparados para lidar com o *cyberbullying*. Desta forma, 44,4% destes professores prestes a desempenhar as suas funções nas escolas, expressaram a sua vontade em aprender mais sobre a matéria, enquanto apenas um em cinco (19%) afirmou o contrário.

Quanto às conclusões deste estudo, Li refere que existe a necessidade de ter em conta o fenómeno do *cyberbullying* ao conceber programas educacionais, como também é urgente incluir este aspecto na formação dos professores. A autora sugere conferências ou acções de formação e esclarecimento. Por último, Li também considera pertinente dotar os professores de conhecimentos tecnológicos, tanto a nível profissional ou sala de aula, como também a nível particular, de forma a compreender e a utilizar de forma eficiente e ética as tecnologias digitais.

Utilizando o questionário de Li (2008), Yilmaz (2010), na Turquia, chegou a conclusões igualmente interessantes ao estudar as percepções de professores estagiários referentes ao *cyberbullying*. O autor refere que o questionário foi elaborado *online* e que o *link* foi enviado a 840 professores estagiários, ou seja, alunos do último ano do curso de ensino com estágio integrado.

Das 163 (19%) respostas que obtive, estas referem-se a 88 (54%) respondentes femininos e 75 (46%) masculinos. De acordo com os dados obtidos, a maioria dos professores estagiários entende que o *cyberbullying* constitui um problema nas escolas, neste caso 85,2% das professoras e 69,3% dos professores. 90,9% das professoras estagiárias e 80,0% dos professores acredita que o *cyberbullying* influencia as crianças e 73% (72% dos professores e 81,8% das professoras) encontram-se preocupados com o *cyberbullying*.

Correspondendo aos dados obtidos no estudo realizado por Li (2008), os professores estagiários turcos referem que o desenvolvimento de políticas e normas referentes ao *cyberbullying* (85,3%) e a formação de professores e educadores devem fazer parte do compromisso das escolas. O investigador conclui que quase metade dos inquiridos considera sentir-se confiante para lidar com eventuais situações de *cyberbullying* (48,5%) e reconhecê-lo (51,5%). Metade dos inquiridos (51,5%) considera que o currículo do seu curso académico em que se encontram inseridos não fornece formação suficiente para lidar com o fenómeno; apenas um quarto dos inquiridos (24,5%) acredita que são suficientemente preparados para lidar com situações de *cyberbullying* durante o seu percurso académico. Por outro lado, uma grande maioria (79,1%) está disposta a aprender mais sobre o tema.

O autor conclui que existe a necessidade de formar professores de forma sistemática nesta área porque é preciso criar ambientes seguros para o uso da Internet e uma vez que as novas tecnologias fazem parte do dia-a-dia de cada um.

No âmbito da sua dissertação de Mestrado, Specht (2010) efectuou um estudo na Alemanha no âmbito do *bullying* e do *cyberbullying*. Questionou alunos, professores e pais acerca das suas percepções e experiências via formulário electrónico. Focamos apenas os dados obtidos pelos professores.

Os 199 professores inquiridos dividiram-se em 115 mulheres (57,8%) e 84 homens (42,2%). Destes professores (52), já um quarto (26,1%) lidou com casos de *cyberbullying* na sua escola. Apenas 59 dos inquiridos (29,6%) referem sentir-se suficientemente bem preparado para agir em casos de *cyberbullying*. Sobretudo as professoras indicam sentir-se inadequadamente ou nada preparadas para intervir em casos de *cyberbullying*.

Ao descrever os incidentes, os professores inquiridos descrevem situações de assédio, principalmente na forma de abuso verbal, insultos e ameaças (27), difamações na forma de calúnias, boatos e a publicação de vídeos ocultamente gravados (26). Quinze professores referem também casos de exposição de fotos alteradas através de software digital, enquanto dois inquiridos referem conhecer casos de roubo de senhas, seguido da modificação do perfil das vítimas e outros dois a criação de perfis falsos.

Dos 199 professores entrevistados, 190 (95,5%) acreditam que o *cyberbullying* é um problema que afecta as escolas. Como possível razão, 65 professores referem que o *cyberbullying* constitui a continuação de conflitos que tiveram o seu início na escola, ou seja, que os envolvidos nestes casos se conhecem. Sessenta professores, por sua vez, acreditam que a Internet e as oportunidades de comunicação, que daí surgem, são parte integrante do quotidiano dos jovens e, ao mesmo tempo, oferece-lhes novas oportunidades de praticar *bullying*. Trinta e cinco professores consideram que os efeitos do *cyberbullying* têm um grande impacto sobre a escola e a sala de aula como, por exemplo, a perturbação da comunidade de sala de aula. Trinta e um professores indicam que os jovens actuam de forma desinibida devido ao anonimato que a Internet oferece. Dezoito professores referem que a escola tem uma missão educativa, incluindo o ensino de determinados valores e a protecção necessária. Dezassete dos professores que responderam ao questionário consideram que a escola tem o dever de esclarecer os alunos sobre a Internet e de ensinar o seu uso adequado. Nove dos 199 professores inquiridos referem que não acreditam que o fenómeno do *cyberbullying* seja um problema que afecte as escolas.

Quando questionados sobre a pior forma de *bullying*, 153 professores (76,9%) indicam que o *bullying* tradicional e o *cyberbullying* são igualmente graves, 27 (13,6%) consideram o *cyberbullying* mais grave, contrastando com 19 professores (9,5%) que encaram o *bullying* tradicional como pior forma de agressão. Quanto aos efeitos do *cyberbullying* sobre a vítima, 111 dos professores inquiridos (55,8%) acreditam que o impacto sobre a vítima é idêntico ao impacto proveniente do *bullying* tradicional, enquanto 75 (37,7%) o classificam como maior. Treze professores (6,5%) não consideram a agressão *online* tão grave como a agressão tradicional. A autora indica que a maioria dos professores que considera o *cyberbullying* pior que o *bullying* tradicional, também é de opinião que tem efeitos piores sobre a vítima.

Specht conclui que quase todos os professores (93,5%) mostram-se, pelo menos um pouco, preocupados com o fenómeno do *cyberbullying* e acreditam que é um problema que afecta as escolas. Mas, considerando que nem mesmo um terço dos professores (29,6%) se sente bem preparado para agir em casos de *cyberbullying*, a autora conclui que ainda há necessidade de esclarecimento e formação.

Os estudos que abordámos têm todos um aspecto fulcral em comum: a necessidade sentida por parte dos investigadores de formação (especializada) para os professores na área do *cyberbullying* devido à posição que ocupam na comunidade educativa e ao lugar que as novas tecnologias assumiram no dia-a-dia de cada um. Os professores inquiridos consideram que o *cyberbullying* constitui um problema nas escolas e estão preocupados com o desenvolvimento do mesmo. A necessidade de formação surge por parte dos próprios professores que afirmam não estarem suficientemente preparados para gerir ou lidar com situações de *cyberbullying*. Estes dados reforçam, mais uma vez, a necessidade de auscultar a situação vivida pelos professores em Portugal.

Após a introdução e breve descrição do estudo a realizar, bem como da apresentação da revisão da literatura já realizada, iniciámos o próximo capítulo clarificando o desenho do estudo, nomeadamente os objectivos e questões de investigação subjacentes, bem como a apresentação dos instrumentos e procedimentos de recolha de dados.

“Todo o conhecimento é uma resposta a uma pergunta.”

Gaston Bachelard

Capítulo III – Desenho do estudo

3.1. Objectivos e questões de investigação

Segundo Quivy & Campenhoudt, a investigação em ciências segue um “procedimento análogo ao do pesquisador do petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura” (1998:15). Impõe-se, assim, nortear o percurso da investigação a adoptar. Este traduz-se, segundo os mesmos autores, na importância de enunciar uma pergunta de partida que permita ao investigador “expressar o mais exactamente possível, o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (1998:32).

Fortin explica que “uma questão de investigação é uma interrogação explícita relativa a um domínio que se deve explorar com vista a obter novas informações” (1996:51) e Talbot (1995 *apud* Fortin, 1996:101) afirma que “as questões de investigação são as premissas sobre as quais se apoia os resultados de investigação”. Por último, segundo Ribeiro “a questão de investigação constitui o elemento fundamental do início de uma investigação”. Partindo destes considerandos, ao formular a nossa questão de investigação procurámos ter em consideração:

os três níveis de exigência que uma boa pergunta deve respeitar: primeiro, exigências de clareza; segundo exigências de exequibilidade; terceiro, exigências de pertinência, de modo a servir de primeiro fio condutor a um trabalho do domínio da investigação em ciências sociais” (Quivy & Campenhoudt, 1998:44)

Assim, assumimos como linha orientadora do nosso estudo a seguinte questão geral de investigação:

Quais são os conhecimentos, percepções e atitudes e dos professores portugueses relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*?

Formulámos à partida um conjunto de questões orientadoras do processo de recolha de dados e que passamos a descrever:

- Que conhecimentos é que os professores possuem acerca do *cyberbullying*?
- Como percebem os professores o fenómeno do *cyberbullying*?/ Que significado/importância é que os professores atribuem ao *cyberbullying*?
- Segundo os professores, qual a necessidade de actuação na prevenção do *cyberbullying*?
- Como encaram os professores a sua função educadora no âmbito do *cyberbullying*?

- Que experiências é que os professores têm com casos de *cyberbullying*?

Estas questões permitiram-nos operacionalizar o objectivo principal do estudo, que se prende com a intenção de investigar o estado actual do conhecimento dos docentes face ao *cyberbullying*. Pretende-se, de uma forma mais específica:

- compreender o que os professores entendem por *cyberbullying* e qual o seu nível de conhecimento geral acerca da temática;
- compreender o significado que os professores atribuem ao *cyberbullying* e como o fenómeno é interpretado;
- compreender as representações que os professores têm do seu papel como educadores na sociedade digital;
- compreender o julgamento que os professores fazem quanto à necessidade de actuação na prevenção do *cyberbullying*;
- identificar se a amostra de professores já lidou com algum caso de *cyberbullying*.

3.2. Metodologia de investigação

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa (1996), pode considerar-se o conceito de metodologia como correspondendo a “um programa que antecipadamente regulará uma sequência de operações a executar, com vista a atingir certo resultado”. Por isso, é na fase metodológica que “o investigador determina os métodos que utilizará para obter respostas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas” (Fortin, 1996:41).

Tendo como pano de fundo os objectivos e as questões norteadoras desta pesquisa que, pela sua natureza, poderão ser enquadradas na intenção geral de “proporcionar familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito e de realizar a descrição das características de determinada população ou fenómeno” (Gil, 2002:41), pareceu-nos apropriado concebê-lo como um estudo exploratório, com carácter descritivo, que visa permitir um melhor conhecimento da problemática no contexto das escolas portuguesas, atendendo à inexistência, tanto quanto nos foi possível apurar, de outros estudos sobre *cyberbullying* em Portugal que tivessem como nosso foco de análise os professores.

Fortin refere que um estudo descritivo “visa obter mais informações, quer seja sobre as características de uma população, quer seja sobre fenómenos em que existam poucos trabalhos de investigação” (1996:161), sendo este o caso da temática do *cyberbullying* em Portugal. A mesma autora (Fortin, 1996) classifica os estudos por níveis distintos, de acordo com vários critérios. O estudo em causa corresponde, assim, ao nível I segundo a hierarquia dos níveis de investigação apresentados pela autora:

Nível	Questão pivô	Base dos conhecimentos / Quadro de referência	Objectivo	Tipos de Estudo
I	Que? Quem? Qual é? Quais são?	Poucos ou nenhuns escritos no domínio. Domínio com fraca base teórica ou conceptual.	reconhecer denominar descrever descobrir	Descoberta e exploração de factores: - exploratório - descritivo

Fonte: Fortin, 1996:53

Quadro 2 - O nível I de Investigação segundo Fortin

3.3. Constituição da amostra

Segundo Ferreira, “a técnica designada por amostragem (processo de selecção de uma amostra) conduz à selecção de uma parte ou subconjunto de uma dada população ou universo que se denomina amostra” (2008:209). Dadas as limitações temporais para a realização do estudo, optou-se por uma técnica da amostragem não probabilística. As amostragens não probabilísticas prevêem que o grupo de indivíduos seja escolhido de forma intencional, casual ou acidental. Podem fazer parte da amostra um grupo de indivíduos que esteja disponível em determinada altura ou então um grupo de voluntários. Tendo em consideração as limitações de tempo e de recursos para efectuar a recolha de dados, optou-se por uma amostra por conveniência, condicionada pela acessibilidade da investigadora aos sujeitos e pela disponibilidade dos mesmos em participarem no estudo. Assim, a amostra foi constituída pelos professores das escolas integradas na Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) no ano lectivo de 2010/2011 que acederam a responder ao questionário de recolha de dados.

3.4. Técnica e instrumentos de recolha de dados

Segundo Ferreira (2008), a investigação descritiva “implica estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação”, incluindo a recolha de dados para responder de forma pertinente às questões colocadas.

Como sublinha Fortin (1996), a entrevista e o questionário são métodos de colheita correntemente utilizados e que permitem colher informações junto dos participantes relativos aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expectativas e às atitudes. A entrevista e o questionário apoiam-se nos testemunhos dos sujeitos, não tendo geralmente o investigador acesso senão ao material que o participante consente em fornecer-lhe. Existem contudo diferenças significativas entre o processo de recolha de dados por entrevista ou por questionário e a opção por uma ou outra destas técnicas deve ser feita, entre outros factores, em função da natureza da questão de investigação, do número de sujeitos da amostra e das condições em que será efectuada a recolha de dados. Vários autores definem o questionário como instrumento de recolha de dados e referem as vantagens do mesmo:

o questionário é um instrumento amplamente utilizado e útil para a recolha de informação. Fornece dados estruturados, pode ser administrado sem a presença do pesquisador e é, muitas vezes, relativamente fácil de analisar (Wilson & McLean, 1994 *apud* Cohen, Manion & Morrison, 2005:245).

O recurso ao inquérito por questionário permite, de acordo com Quivy & Campenhoudt,

o conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões; a análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão (1998:188).

Tendo em consideração as características do questionário enquanto instrumento de recolha de dados, a natureza da questão de investigação e o facto da natureza do estudo exigir o questionamento de um número relativamente elevado de professores que se encontravam geograficamente dispersos, aliado ao facto do tempo para recolher, tratar e analisar os dados ser bastante limitado, optou-se pelo inquérito por questionário *online* para efectuar a recolha de dados.

Como nos dizem Quivy & Campenhoudt (1998), os diferentes métodos de análise de conteúdo agrupam-se correntemente em duas categorias: os métodos quantitativos e os métodos qualitativos. Nesta linha de pensamento, Fortin (1996) refere que a decisão de utilizar o método qualitativo, ou o método quantitativo, depende da questão de investigação, segundo esta sugira a exploração da experiência humana ou a exploração e verificação de relações. Dada a natureza do problema e da questão orientadora da investigação, que nos remete para os conhecimentos, percepções, atitudes e práticas dos professores portugueses relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*, optámos por uma abordagem quantitativa e qualitativa dos dados. Esta abordagem mista parece-nos a opção mais adequada para analisar e compreender a problemática do estudo desta questão. Os resultados dos questionários serão descritos quantitativamente e sujeitos a uma análise interpretativa e comparativa para que se possa detectar as respostas para as questões que norteiam o nosso estudo.

3.3. Procedimento de recolha de dados

No que respeita às técnicas de recolha de dados, estas consistem na técnica da inquirição, uma vez que a fonte de dados privilegiada neste estudo são os próprios professores que foram inquiridos através de um questionário auto-aplicado.

O questionário foi construído especificamente para este estudo, tendo sido efectuada uma pré-validação do mesmo através da auscultação a peritos visando a validação de conteúdos e de forma do instrumento de inquirição. Neste processo participaram dois docentes/investigadores do Instituto de Educação da Universidade do Minho, um deles com especialização na área das metodologias de investigação, e quatro professores do ensino básico e secundário. A aplicação do questionário foi devidamente autorizada pela entidade responsável pela utilização de instrumentos de inquirição em meio escolar (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar - MIME), de acordo com os normativos em vigor. Como referimos anteriormente, os dados deste estudo foram recolhidos junto de professores que no ano lectivo de 2010/2011 se encontravam a leccionar em escolas afectas à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN).

Optou-se por implementar o questionário em formato digital por razões de economia financeira e de tempo pois evitou custos de reprodução dos questionários e de deslocações.

Foram contactadas as direcções das escolas por correio electrónico consoante os endereços que constavam na página electrónica da DREN. Verificou-se, pelo número de *e-mails* que vieram devolvidos ao remetente por falha de envio, que muitos endereços electrónicos se encontravam desactualizados. Na mensagem de correio electrónico, na qual se solicitava às respectivas direcções das escolas contactadas o reencaminhamento para os professores, incluía-se também a hiperligação de acesso ao questionário. Importa registar que temos consciência de que, por este processo, não podemos ter a certeza de que todos os diretores acederam ao nosso pedido pelo que não podemos assegurar que todos os professores das escolas em causa tenham sido contactados.

O questionário foi construído de raiz e estruturado em torno de um conjunto de dimensões tendo em vista os objectivos do estudo. No Quadro 3 apresenta-se uma matriz descritiva da estrutura do questionário, o qual pode ser consultado no anexo 1.

DIMENSÕES • <i>OBJECTIVOS</i>	QUESTÕES	<i>Escala</i>
1. Caracterização pessoal e profissional dos professores • Obter dados para um perfil dos professores respondentes;	1-4.	
2. Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores • Obter informações acerca do conhecimento que os professores possuem quanto ao conceito do <i>cyberbullying</i> ;	5.	Sim / Não / Sem opinião
3. Percepções dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> • Conhecer o significado que os professores atribuem ao <i>cyberbullying</i> e como o fenómeno é interpretado;	6.	Discordo totalmente/ Discordo / Concordo/ Concordo totalmente / Sem opinião
4. Atitudes e responsabilidade dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i> • Identificar o julgamento que os professores fazem quanto à necessidade de actuação na prevenção do <i>cyberbullying</i> ;	7.	Discordo totalmente/ Discordo / Concordo/ Concordo totalmente / Sem opinião
5. Contacto/Experiência com situações de <i>cyberbullying</i> • Identificar se os professores já tiveram contacto com um caso de <i>cyberbullying</i> ;	8.	Questão aberta – texto livre
6. Comentários adicionais • Permitir eventuais comentários por parte dos professores.	9.	Questão aberta – texto livre

Quadro 3 - Matriz do Inquérito por Questionário “*Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores*” aplicado à Amostra

O conjunto de dados que foi estudado apresenta limitações, uma vez que se trata de uma amostra de conveniência, sendo constituída pelos sujeitos que voluntariamente responderam ao questionário. É uma amostragem não-probabilística, levantando um problema fundamental que é o da sua representatividade. Logo, as inferências para a população ficam prejudicadas. Responderam ao questionário 645 indivíduos. Embora não possamos considerar esta amostra estatisticamente significativa relativamente ao universo em causa, pensamos que os dados obtidos são relevantes no contexto de um estudo exploratório e podem ser um indicador importante de uma possível tendência mais alargada, permitindo traçar um possível quadro no que diz respeito à temática estudada.

De modo a esclarecer os sujeitos quanto à temática em estudo incluímos na mensagem de divulgação do estudo e no início do questionário uma breve definição do conceito de *cyberbullying*, procurando assim evitar uma eventual desmotivação por parte dos respondentes por não (re)conhecimento do termo/conceito:

O *cyberbullying* consiste no envio ou publicação de conteúdos, ameaças ou comportamentos ofensivos fazendo uso das actuais tecnologias da informação. Estes ataques podem surgir nos mais variados formatos, como imagens, fotos, vídeos ou texto, colocados e difundidos *online*, sobre e para uma vítima, com o intuito de difamar, gozar, intimidar, humilhar.

No próximo capítulo, procedemos à análise e interpretação dos dados recolhidos.

“Todo o nosso conhecimento tem origem nas nossas percepções.”

Leonardo da Vinci

Capítulo IV – Apresentação e análise de dados

4.1. Caracterização pessoal e profissional dos professores

A adesão por parte de 644 professores, só na zona Norte, demonstra que o tema abordado suscita interesse e, talvez, vontade de contribuir para o debate do tema em estudo.

Quanto à faixa etária (Quadro 4), verificámos que 44 (7%)¹⁵ dos professores tinham menos que 30 anos na altura em que responderam ao inquérito. Quase um terço (33%) encontrava-se na faixa etária entre os 31 e os 40 anos de idade, enquanto um outro terço (33%) se situava entre os 41 e os 50 anos. Obtivemos respostas de 166 (26%) professores entre os 51 e os 60 anos de idade e 11 (2%) professores ultrapassavam os 60 anos.

Faixa etária	N = 636	
<30	44	7%
31-40	210	33%
41-50	208	33%
51-60	163	26%
>60	11	2%

Quadro 4 - Caracterização da amostra: Faixa etária dos professores inquiridos

Se tivermos em conta o género dos professores inquiridos, obtemos uma distribuição que demonstra que houve mais professoras do que professores a responder ao nosso apelo o que não se revela surpreendente por ser reconhecida a ainda elevada feminização da profissão de educador de infância e professor do ensino básico e secundário.

Na totalidade, responderam ao inquérito 148 (23%) professores e 487 (77%) professoras, o que perfaz um total de 636 professores (Quadro 5), uma vez que oito não indicaram o género. Os professores com menos de 30 anos de idade correspondem a 8% (12) e as professoras na mesma faixa etária correspondem a 7% (32). Responderam 53 (36%) professores e 157 professoras (32%) com a idade compreendida entre os 31 e os 40 anos de idade. Quanto à faixa etária dos 41 aos 50 anos de idade, obtivemos respostas de 37 (25%) professores e 171 (35%) professoras. As respostas por parte dos professores entre os 51 e os 60 anos de idade contabilizaram 42 (28%) e 121 (25%) por parte das professoras. Houve 4 (3%) professores acima dos 60 anos de idade que participaram no inquérito e 7 (1%) professoras.

¹⁵ Todos os valores percentuais foram arredondados à unidade para simplificar a leitura dos dados.

Faixa etária	N = 148 23%		N = 488 77%	
	Masculino		Feminino	
<30	12	8%	32	7%
31-40	53	36%	157	32%
41-50	37	25%	171	35%
51-60	42	28%	121	25%
>60	4	3%	7	1%

Quadro 5 - Caracterização da amostra: Faixa etária dos professores inquiridos por género

Questionámos os professores quanto ao facto de ter filhos (Quadro 6), pois gostaríamos de indagar se poderia haver uma maior sensibilização para o *cyberbullying* por parte de professores que também são pais. Dos professores inquiridos, 110 (74%) afirmaram ter filhos, enquanto 38 (26%) referiram o contrário. Das professoras inquiridas, 363 (74%) afirmaram ter filhos e 126 (26%) negaram o facto. Dos professores que não indicaram o género, 6 (75%) referiram ter filhos e 2 (25%) referiram que não. O que perfaz um total de 479 (74%) de professores com filhos e 165 (26%) sem filhos.

Filhos	N = 148 23%		N = 488 77%	
	Masculino		Feminino	
Sim	110	74%	363	74%
Não	38	26%	125	26%

Quadro 6 - Caracterização da amostra: Existência de filhos por género

Pretendemos também saber qual o nível de ensino leccionado pelos professores respondentes nos últimos três anos e pedimos para seleccionar todas as situações aplicáveis uma vez que os professores podem leccionar vários níveis ao mesmo tempo ou ter mudado de nível ao longo dos três anos. Quanto a este ponto, responderam 49 professores que leccionaram no Ensino Pré-escolar nos últimos três anos, nomeadamente 14 (29%) professores e 35 (71%) professoras (Quadro 7). Um professor (7%) e quatro (11%) professoras tinham menos que 30 anos na altura do preenchimento do inquérito, 5 (36%) professores e 15 (43%) professoras tinham entre 31 e 40 anos de idade, 4 professores (29%) e 4 (11%) professoras tinham entre 41 e 50 anos, 3 (21%) professores e 11 (31%) professoras tinham entre 51 e 60 anos e, por último, 1 professor (7%) e 1 (3%) professora tinham ambos mais de 60 anos de idade.

Faixa etária	Pré-escolar - Jardim-de-infância			
	N = 49			
	Masculino		Feminino	
<30	1	7%	4	11%
31-40	5	36%	15	43%
41-50	4	29%	4	11%
51-60	3	21%	11	31%
>60	1	7%	1	3%
N=	14	29%	35	71%

Quadro 7 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Pré-escolar)

Dos 153 professores que assinalaram ter leccionado no 1º Ciclo nos últimos três anos (Quadro 8), 55 (36%) eram masculinos e 98 (64%) femininos. Referente a este nível de ensino e tendo em conta o género e a faixa etária, responderam 2 (4%) professores e 12 (12%) professoras com menos de 30 anos de idade, 17 (31%) professores e 41 (42%) professoras com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos, 19 (35%) professores e 20 (20%) professoras entre os 41 e os 50 anos e 17 (31%) professores e 25 (26%) professoras entre os 51 e os 60 anos de idade. Nenhum dos professores inquiridos do 1º Ciclo tinha mais do que 60 anos de idade.

Faixa etária	Básico 1º Ciclo			
	N = 153			
	Masculino		Feminino	
<30	2	4%	12	12%
31-40	17	31%	41	42%
41-50	19	35%	20	20%
51-60	17	31%	25	26%
>60	0	0%	0	0%
N=	55	36%	98	64%

Quadro 8 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 1º Ciclo)

Cento e cinquenta e oito professores indicaram ter leccionado no 2º Ciclo do Ensino Básico nos últimos três anos (Quadro 9), nomeadamente 39 (25%) professores e 119 (75%) professoras. Dois (5%) professores e 8 (7%) professoras situavam-se na faixa etária inferior aos 30 anos, 19 (49%) professores e 56 (47%) professoras na faixa entre os 31 e os 40 anos, 8 (21%) professores e 20 (17%) professoras na faixa dos 41 aos 50 anos e 10 (26%) professores e 31 (26%) professoras indicaram encontrar-se na faixa etária dos 51 aos 60 anos de idade. Nenhum professor acima dos 60 anos de idade tinha leccionado no 2º Ciclo, ao contrário de 4 (3%) professoras.

Faixa etária	Básico 2º Ciclo			
	N = 158			
	Masculino		Feminino	
<30	2	5%	8	7%
31-40	19	49%	56	47%
41-50	8	21%	20	17%
51-60	10	26%	31	26%
>60	0	0%	4	3%
N=	39	25%	119	75%

Quadro 9 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 2º Ciclo)

Quanto ao nível de ensino do 3º Ciclo (Quadro 10), responderam 233 professores, designadamente 52 (22%) professores e 181 (78%) professoras. Seis (12%) professores e 10 (6%) professoras indicaram ter menos que 30 anos de idade, 19 (37%) professores e 49 (27%) professoras entre 31 e 40 anos, 10 (19%) professores e 66 (36%) professoras entre 41 e 50 anos e 14 (27%) professores e 54 (30%) professoras entre 51 e 60 anos. Três (6%) professores e 2 (1%) referiram ter mais que 60 anos de idade na altura do preenchimento do inquérito.

Faixa etária	Básico 3º Ciclo			
	N = 233			
	Masculino		Feminino	
<30	6	12%	10	6%
31-40	19	37%	49	27%
41-50	10	19%	66	36%
51-60	14	27%	54	30%
>60	3	6%	2	1%
N=	52	22%	181	78%

Quadro 10 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Básico - 3º Ciclo)

À semelhança dos níveis de ensino anteriores, os professores inquiridos com prática de leccionação no Ensino Secundário (Quadro 11) nos últimos três anos eram principalmente femininos, contrastando 199 professoras (90%) com apenas 21 (10%) professores. Quanto à restante distribuição etária, referimos 5 (24%) professores e 2 (1%) professoras com menos de 30 anos de idade, 5 (24%) professores e 25 (13%) professoras entre os 31 e 40 anos, 4 (19%) professores e 109 (55%) professoras entre os 41 e 50 anos e, por último, 5 (24%) professores e 63 (32%) professoras entre os 51 e os 60 anos de idade. Nenhuma professora inquirida com idade superior a 60 anos exercera no Ensino Secundário, ao contrário de 2 (10%) professores.

Faixa etária	Secundário			
	N = 220			
	Masculino		Feminino	
<30	5	24%	2	1%
31-40	5	24%	25	13%
41-50	4	19%	109	55%
51-60	5	24%	63	32%
>60	2	10%	0	0%
N=	21	10%	199	90%

Quadro 11 - Caracterização da amostra: Nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos (Secundário)

Em suma, a amostra foi constituída por 644 professores, sendo 148 professores e 488 professoras (recorda-se que 8 professores não indicaram o sexo). A mediana de idades situava-se na faixa etária dos 41-50 anos. Quanto ao nível de ensino leccionado nos últimos 3 anos, 49 eram educadores de infância, 153 eram professores do 1º Ciclo, 158 professores leccionavam no 2º Ciclo, 233 no 3º Ciclo e 220 no Ensino Secundário.

4.2. O conceito de cyberbullying segundo os professores

À semelhança dos parâmetros anteriores, também analisámos os dados em relação às variáveis que nos pareceram mais importantes. Faremos a apresentação dos dados na sua totalidade, por faixa etária, género e existência de filhos. Sabemos que principalmente os números referentes à distinção pela faixa etária necessitam de atenção redobrada aquando a análise, pois os números absolutos de respostas por intervalo de idades diferem muito. Optámos por apresentar o número real de respostas e o valor percentual em parêntesis. Por uma questão de gestão de tempo, redundância de dados e repetição, decidimos apresentar para as últimas variáveis apenas os resultados mais relevantes. Não obstante deste facto, incluímos os respectivos gráficos com a análise dos dados.

De um total de 613 professores inquiridos, 561 (92%) afirmam conhecer o termo *cyberbullying*, enquanto 46 (8%) desconhecem e 6 (1%) não têm opinião (Quadro 12). Em termos de género, não existe grande diferença, pois 130 (94%) professores e 424 (91%)

professoras afirmam conhecer e 9 (6%) e 36 (8%) desconhecem, respectivamente (Quadro 13). Destaca-se a faixa etária dos professores entre os 51 e os 60 anos de idade, pois 154 (96%) afirmam conhecer o termo, enquanto apenas 7 (4%) afirmam o contrário (Quadro 16).

Conceito do cyberbullying segundo os professores	N = 613					
	Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	561	92%	46	8%	6	1%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	465	76%	120	20%	27	4%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	174	28%	379	62%	59	10%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	28	5%	520	85%	64	10%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	156	25%	439	72%	17	3%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	93	15%	499	82%	20	3%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	437	71%	95	16%	80	13%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	19	3%	579	95%	14	2%
9 O fenómeno de <i>cyberbullying</i> é uma "criação" dos <i>mass media</i> , logo é um fenómeno transitório.	19	3%	433	71%	160	26%

Quadro 12 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores

Conceito do cyberbullying segundo os professores	N = 139						N = 466					
	Masculino						Feminino					
	Sim		Não		Sem opinião		Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	129	93%	9	7%	0	0%	424	91%	36	8%	6	1%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	98	71%	34	25%	6	4%	361	77%	84	18%	21	5%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	47	34%	80	58%	11	8%	125	27%	293	63%	48	10%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	5	4%	118	86%	15	11%	23	5%	395	85%	48	10%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	37	27%	97	70%	4	3%	116	25%	337	72%	13	3%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	21	15%	111	80%	6	4%	70	15%	382	82%	14	3%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	95	69%	20	14%	23	17%	336	72%	74	16%	56	12%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	7	5%	128	93%	3	2%	12	3%	443	95%	11	2%
9 O fenómeno de <i>cyberbullying</i> é uma "criação" dos <i>mass media</i> , logo é um fenómeno transitório.	5	4%	97	70%	36	26%	14	3%	330	71%	122	26%

Quadro 13 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores (por género)

Quatrocentos e sessenta e seis (76%) assinalaram que sabem bem o que significa *cyberbullying*, ao contrário de 120 (20%) e 27 (4%) sem opinião. Noventa e nove (71%) professores afirmam conhecer bem o conceito, enquanto um maior número de professoras (361/ 77%) refere o mesmo. Quase um quarto (34/ 24%) dos professores assinalou a opção negativa, ao contrário de menos de um quinto (84/ 18%) das professoras. Uma maioria de 9 (81%) professores com mais de 60 anos de idade refere saber bem o que significa o *cyberbullying*, enquanto apenas 2 (18%) indicam o contrário. Se tivermos em conta o facto de os professores terem, ou não, filhos e serem influenciados por esse motivo, verificamos que a diferença entre ambos os casos nunca é superior a cinco pontos percentuais, o que também só acontece uma vez nesta dimensão (Quadro 14). Da análise de dados constatámos que não existe grande distinção entre ambas as situações, destacamos, assim, que 26 (16%) professores sem filhos indicam não conhecer bem o que significa *cyberbullying*, contrastando com 94 (21%) professores com filhos.

Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores	N = 455						N = 158					
	Filhos: Sim						Filhos: Não					
	Sim		Não		Sem opinião		Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	416	91%	35	8%	4	1%	145	92%	11	7%	2	1%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	342	75%	94	21%	19	4%	124	78%	26	16%	8	5%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	127	28%	278	61%	50	11%	47	30%	102	65%	9	6%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	24	5%	383	84%	48	11%	4	3%	138	87%	16	10%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	113	25%	329	72%	13	3%	44	28%	110	70%	4	3%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	69	15%	371	82%	15	3%	24	15%	129	82%	5	3%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	322	71%	73	16%	60	13%	116	73%	22	14%	20	13%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	15	3%	431	95%	9	2%	4	3%	149	94%	5	3%
9 O fenómeno de <i>cyberbullying</i> é uma "criação" dos <i>mass media</i> , logo é um fenómeno transitório.	13	3%	319	70%	123	27%	6	4%	115	73%	37	23%

Quadro 14 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores (por existência de filhos)

Quanto à afirmação "Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de *cyberbullying*.", a maioria (380/ 62%) refere não ter dificuldade, ao contrário de 174 (28%). Cinquenta e nove (10%) assinalaram a opção neutra. Verificámos que há mais

professores (47/ 34%) com dificuldades nesta situação do que professoras (125/ 27%). Se analisarmos os dados quanto à variável da idade, verificámos que se destacam os professores com mais idade, pois 9 (82%) referem não ter dificuldades e apenas 2 (18%) afirmam o contrário.

A grande maioria (521/ 85%) não considera o *cyberbullying* como algo natural da idade, embora 28 (5%) pensem de forma distinta e 64 (10%) não tenham opinião acerca do assunto. Existem diferenças entre as gerações de professores mais extremas: 33 (80%) não vê o *cyberbullying* como algo natural da idade, enquanto o número dos professores com mais de 60 anos é maior, pois 10 (91%) negam a afirmação.

Cento e cinquenta e sete (26%) professores afirmam conhecer casos de jovens vítimas de *cyberbullying*, enquanto 439 (72%) desconhecem e 17 (3%) não se pronunciam. Cinquenta e oito professores (29%) entre os 41 aos 50 anos referem conhecer casos de jovens vitimizados por *cyberbullying*, enquanto 138 (68%) desconhecem.

Quinhentos (82%) professores referem não conhecer casos de colegas professores vítimas de *cyberbullying*, embora 93 (15%) afirmem o contrário. Vinte (3%) assinalaram a opção “sem opinião”. Dezoito professores da faixa etária 41-50 anos de idade, contudo, referem conhecer casos de colegas vitimizados, enquanto 158 (78%) desconhecem.

Uma maioria de 438 (71%) professores indica que o tema *cyberbullying* é um tema que lhes suscita interesse, enquanto 95 (15%) negaram a afirmação e 80 (13%) não se pronunciaram. Neste caso, a opção afirmativa foi assinalada por mais professoras (336/ 72%) do que professores (95/ 68%). No que diz respeito à análise pela variável da idade, destacamos que 28 (68%) professores com menos de 30 anos (Quadro 15), 153 (75%) com idade entre os 41 e 50 anos de idade, 105 (65%) com 51 a 60 (Quadro 16) anos e 9 (82%) professores com mais de 60 anos (Quadro 17) referem que o tema lhes suscita interesse, afastando-se, assim, da média. Quanto ao facto da problemática do *cyberbullying* não lhes suscitar interesse, destacamos os mesmos intervalos de idade com 5 (12%), 23 (11%), 33 (20%) e 2 (18%) professores, respectivamente.

Dezanove (3%) professores admitem já terem sido vítimas de *cyberbullying*, ao contrário de 580 (95%) e catorze (2%), que se abstiveram. Destacamos o facto de haver, em todos os

intervalos de idade, professores que se identificam como vítimas de *cyberbullying*, menos no último, nenhum professor com mais de 60 anos refere ter sido vitimizado.

Quanto à última questão desta dimensão que se prende com o conceito do *cyberbullying*, 19 (3%) professores assinalaram que consideram que o fenómeno de *cyberbullying* é uma “criação” dos *mass media*, logo é um fenómeno transitório. Quatrocentos e trinta e quatro (71%) não partilham a mesma ideia e 160 (26%) professores não se pronunciaram. Dos professores mais novos, contudo, apenas 23 (56%) negam esta afirmação e 16 (39%) em 41 abstiveram-se.

Conceito do <i>cyberbullying</i> segundo os professores	N = 41						N = 197					
	Faixa etária: < 30						Faixa etária: 31-40					
	Sim		Não		Sem opinião		Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	37	90%	3	7%	1	2%	179	91%	16	8%	2	1%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	32	78%	7	17%	2	5%	146	74%	40	20%	11	6%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	12	29%	24	59%	5	12%	60	30%	124	63%	13	7%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	2	5%	33	80%	6	15%	9	5%	169	86%	19	10%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	8	20%	30	73%	3	7%	49	25%	145	74%	3	2%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	5	12%	33	80%	3	7%	26	13%	167	85%	4	2%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	28	68%	5	12%	8	20%	143	73%	32	16%	22	11%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	2	5%	36	88%	3	7%	7	4%	190	96%	0	0%
9 O fenómeno de <i>cyberbullying</i> é uma “criação” dos <i>mass media</i> , logo é um fenómeno transitório.	2	5%	23	56%	16	39%	8	4%	141	72%	48	24%

Quadro 15 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores (por faixa etária: < 30/31-40)

Da análise feita conclui-se que a grande maioria dos professores inquiridos conhece o termo *cyberbullying* e um número razoável sabe o que significa, não tendo dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de *cyberbullying*. O fenómeno não é considerado algo natural da idade pela maioria dos professores. Um quarto dos professores refere conhecer alunos vítimas de *cyberbullying*, enquanto o número que refere casos de *cyberbullying* contra os colegas professores é menor. A maioria dos professores manifesta interesse pelo fenómeno em estudo e não o considera algo transitório.

Conceito do cyberbullying segundo os professores	N = 203						N = 161					
	Faixa etária: 41-50						Faixa etária: 51-60					
	Sim		Não		Sem opinião		Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	181	89%	19	9%	3	1%	154	96%	7	4%	0	0%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	154	76%	41	20%	8	4%	125	78%	30	19%	6	4%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	54	27%	130	64%	19	9%	46	29%	93	58%	22	14%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	9	4%	167	82%	27	13%	8	5%	142	88%	11	7%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	58	29%	138	68%	7	3%	39	24%	118	73%	4	2%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	37	18%	158	78%	8	4%	23	14%	133	83%	5	3%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	153	75%	23	11%	27	13%	105	65%	33	20%	23	14%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	6	3%	189	93%	8	4%	4	2%	154	96%	3	2%
9 O fenômeno de <i>cyberbullying</i> é uma "criação" dos <i>mass media</i> , logo é um fenômeno transitório.	5	2%	143	70%	55	27%	2	1%	120	75%	39	24%

Quadro 16 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores (por faixa etária: 41-50/51-60)

Conceito do cyberbullying segundo os professores	N = 11					
	Faixa etária: > 60					
	Sim		Não		Sem opinião	
1. Conheço o termo <i>cyberbullying</i> .	10	91%	1	9%	0	0%
2. Sei bem o que significa <i>cyberbullying</i> .	9	82%	2	18%	0	0%
3. Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de <i>cyberbullying</i> .	2	18%	9	82%	0	0%
4. O <i>cyberbullying</i> é algo natural da idade.	0	0%	10	91%	1	9%
5. Conheço casos de jovens vítimas de <i>cyberbullying</i> .	3	27%	8	73%	0	0%
6. Conheço casos de colegas professores vítimas de <i>cyberbullying</i> .	2	18%	9	82%	0	0%
7. O <i>cyberbullying</i> é um tema que me suscita interesse.	9	82%	2	18%	0	0%
8. Já fui vítima de <i>cyberbullying</i> .	0	0%	11	100%	0	0%
9 O fenômeno de <i>cyberbullying</i> é uma "criação" dos <i>mass media</i> , logo é um fenômeno transitório.	2	18%	7	64%	2	18%

Quadro 17 - Conceito do *cyberbullying* segundo os professores (por faixa etária: > 60)

4.3 As percepções dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying*

Nesta dimensão, sugerimos várias afirmações que se referiam explícita ou implicitamente às várias características do *cyberbullying*. Pretendemos assim identificar e caracterizar os conhecimentos dos professores face à temática.

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	N = 569									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	2	0%	10	2%	261	46%	284	50%	12	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	1	0%	18	3%	216	38%	313	55%	21	4%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	9	2%	71	12%	261	46%	177	31%	51	9%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	4	1%	68	12%	305	54%	117	21%	75	13%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	4	1%	45	8%	299	53%	198	35%	23	4%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	36	6%	240	42%	193	34%	60	11%	40	7%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	7	1%	178	31%	216	38%	46	8%	122	21%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	4	1%	43	8%	294	52%	198	35%	30	5%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	81	14%	339	60%	103	18%	17	3%	29	5%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	291	51%	233	41%	13	2%	11	2%	21	4%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	35	6%	226	40%	193	34%	54	9%	61	11%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	7	1%	26	5%	300	53%	181	32%	55	10%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	101	18%	313	55%	42	7%	13	2%	100	18%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	1	0%	20	4%	296	52%	226	40%	26	5%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	2	0%	11	2%	244	43%	290	51%	22	4%

Quadro 18 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying*

A quase totalidade (545/ 96%) dos professores respondentes manifesta a sua concordância com a afirmação “O *cyberbullying* é uma forma de agressão que transpõe o recreio e os limites da escola e o espaço físico em geral”, sendo que destes 284 (50%) concordam totalmente (Quadro 18). Dez (2%) discordam e 2 (0.3%) discordam totalmente. Doze (2%) não se manifestaram, mantendo-se neutros. Quanto a esta afirmação, há 55 (42%) professores a concordar e 71 (55%) professores a concordar totalmente (Quadro 22), enquanto, por parte das professoras, há 201 (47%) e 211 (49%), respectivamente (Quadro 19). Embora a opção “concordo totalmente” foi a mais escolhida em ambos os casos, a diferença de valores nos itens da escala é maior nos professores, destacando, assim, o seu grau de concordância com a afirmação. Quanto à faixa etária dos professores entre os 51 e 60 anos, 55 (82%) professores assinalaram a opção “concordo” e 63 (42%) a opção “concordo totalmente”.

Trezentos e treze professores (55%) concordam totalmente com a segunda afirmação, neste caso “O *cyberbullying* pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande”, 216 (38%) concordam, 18 (3%) discordam e 1 (0.1%) discorda totalmente. Vinte e um (4%) professores abstiveram-se. Verificámos que o número dos professores sem filhos (Quadro 21) que concordam totalmente (89/ 61%) é superior ao número dos seus congéneres com filhos (224/ 53%) visível no Quadro 20.

Dos professores inquiridos, 261 (46%) concorda que uma vítima de *cyberbullying* não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas, enquanto 177 (31%) concordam totalmente. Setenta e um (12%) discordam e 9 (2%) discordam totalmente. Cinquenta e um (9%) não manifestam qualquer opinião. Neste caso, as professoras concordam em maior número que os professores, pois 48 (11%) professoras discordam e 200 (46%) concordam com a afirmação. Enquanto dos professores, 23 (18%) discordam e 56 (43%) concordam. Tendo em conta a idade, apenas 2 (5%) professores com menos de 30 anos de idade discordam (Quadro 23).

Face à afirmação “O *cyberbullying* esconde a identidade do agressor”, mais de metade (305/ 54%) dos professores concorda e um quinto (117/ 21%) concorda totalmente, ao contrário de 68 (12%) professores que discordam e 4 (1%) que discordam totalmente. Setenta e cinco (13%) assinalaram a opção “sem opinião”.

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	Género: Feminino									
	N = 432									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	2	0%	8	2%	201	47%	211	49%	10	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	1	0%	13	3%	157	36%	243	56%	18	4%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	8	2%	48	11%	200	46%	135	31%	41	9%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	2	0%	55	13%	225	52%	89	21%	61	14%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	3	1%	32	7%	228	53%	151	35%	18	4%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	27	6%	179	41%	146	34%	50	12%	30	7%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	7	2%	138	32%	158	37%	34	8%	95	22%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	2	0%	29	7%	225	52%	154	36%	22	5%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	65	15%	257	59%	83	19%	10	2%	17	4%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	222	51%	172	40%	11	3%	9	2%	18	4%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	24	6%	178	41%	149	34%	37	9%	44	10%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	6	1%	18	4%	230	53%	136	31%	42	10%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	72	17%	238	55%	30	7%	11	3%	81	19%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	1	0%	14	3%	229	53%	167	39%	21	5%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	2	0%	8	2%	191	44%	216	50%	15	3%

Quadro 19 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por género: Feminino)

Mais de metade (299/ 53%) dos professores acredita que um jovem pode ser vítima de *cyberbullying* em qualquer lugar e a qualquer hora, 198 (35%), por sua vez, concordam totalmente com esta afirmação, enquanto 45 (8%) discordam, discordam totalmente (4/ 1%) ou não têm opinião (23/ 4%).

Mediante a afirmação que com o *cyberbullying*, a agressão é somente psicológica/emocional, 240 (42%) discordam, mas 193 (34%) concordam. Se somarmos a posições mais extremas, obtemos o seguinte resultado: 276 (48%) discordam da afirmação e 253 (45%) professores concordam. Quarenta (7%) professores optaram por abster-se. O valor da concordância entre os professores da faixa dos 51-60 anos (Quadro 26) é mais elevado (60/40%), embora ainda sejam superados pelos mais com mais de 60 anos (Quadro 27). Nesse caso, 5 professores (50%) concordaram.

Face à afirmação que o *cyberbullying* é um fenômeno frequente, 216 (38%) dos professores concordam, e 46 (8%) concordam totalmente. Contudo, também quase um terço (178/31%) dos professores discorda ou discorda totalmente (7/1%), enquanto um número significativo de 122 (21%) professores não se manifesta quanto a esta questão, algo que se verifica nos professores e nas professoras. Vinte e cinco (19%) professores e 95 (22%) professoras assinalaram “sem opinião”. Este valor alto de abstenção é verificável nos professores entre os 31 e os 40 anos com 37 (20%) professores a assinalarem esta opção (Quadro 24) e na faixa etária dos 41 aos 50 anos (44/24%), sendo também a mais elevada (Quadro 25). Os professores com menos de 30 anos concordam (19/49%) e concordam totalmente (5/13%) com esta afirmação em maior número que os restantes professores. Os seus valores de discordância são também mais baixos (9/23%), não há nenhum professor que discorde totalmente.

Duzentos e noventa e quatro (52%) professores concordam e outros 198 (35%) concordam totalmente que alguém que pratica *cyberbullying* age de forma intencional e premeditada, ao invés de 43 (8%) professores que discordam. Quatro (1%) professores discordam totalmente e 30 (5%) não se manifestam.

Face à afirmação “Alguém que pratica *cyberbullying* não tem consciência do possível impacto na vítima”, 339 (60%) professores discordam e 81 (14%) discordam totalmente. Cento e três (18%) professores concordam e 17 (3%) concordam totalmente. Vinte e nove (5%) preferem não pronunciar-se.

A quase totalidade (524/92%) dos professores inquiridos discorda da afirmação “O *cyberbullying* prepara os jovens para o mundo dos adultos”, sendo que 291 (51%) discordam totalmente, o que reforça o sentido de discordância. Nesta dimensão, esta foi a questão em que

a opção de discordância mais extrema obteve um valor mais alto do que a opção mais branda. Apenas 13 (2%) e 11 (2%) professores concordam e concordam totalmente, respectivamente. Vinte e um (4%) professores assinalaram “sem opinião”.

Duzentos e vinte e seis professores (40%) discordam e 35 (6%) discordam totalmente da afirmação “O *cyberbullying* é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados”, enquanto 193 (34%) concordam e 54 (9%) concordam totalmente. Sessenta e um (11%) professores não indicaram uma resposta de concordância ou discordância. O grau de discordância por parte das professoras (178/ 41%) é superior ao dos professores (46/ 35%).

Metade (300/ 53%) dos professores afirma estar de acordo com a afirmação “o *cyberbullying* é praticado por jovens de todos os estratos socioeconômicos” e quase um terço (181/ 32%) concorda totalmente. Vinte e seis (5%) professores não creem nesta afirmação e 7 (1%) discordam totalmente. Cinquenta e cinco (10%) dos professores optam por não se pronunciar.

Perante a afirmação “jovens com sucesso escolar não exercem *cyberbullying* sobre os colegas”, quase três quartos dos professores (414/ 73%) manifesta a sua discordância, dos quais 101 (18%) assinalam a opção “discordo totalmente”. A opção “concordo” é assinalada por 42 (7%) dos professores e 13 (2%) escolhem “concordo totalmente”. Cem professores, o que quase corresponde a um quinto (18%) dos professores, assinala “sem opinião”. Os professores com menos de 30 anos ficam, claramente, acima da média (11/ 28%). Dos professores sem filhos, 70 (48%) discordam e 38 (26%) discordam totalmente da afirmação, enquanto 243 (57%) dos professores com filhos discordam e 63 (15%) discordam totalmente.

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	Filhos: Sim									
	N = 423									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	2	0%	7	2%	191	45%	213	50%	10	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	1	0%	16	4%	165	39%	224	53%	17	4%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	6	1%	52	12%	192	45%	138	33%	35	8%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	2	0%	50	12%	230	54%	87	21%	54	13%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	3	1%	29	7%	233	55%	142	34%	16	4%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	26	6%	183	43%	141	33%	45	11%	28	7%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	6	1%	132	31%	160	38%	33	8%	92	22%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	2	0%	33	8%	222	52%	146	35%	20	5%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	63	15%	251	59%	75	18%	10	2%	24	6%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	217	51%	169	40%	11	3%	9	2%	17	4%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	20	5%	167	39%	150	35%	38	9%	48	11%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	5	1%	24	6%	230	54%	121	29%	43	10%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	63	15%	243	57%	35	8%	10	2%	72	17%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	1	0%	14	3%	227	54%	161	38%	20	5%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	1	0%	8	2%	182	43%	212	50%	20	5%

Quadro 20 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por existência de filhos)

Duzentos e noventa e seis (52%) professores acreditam que o *cyberbullying* influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens, enquanto 226 (40%) acreditam totalmente. Vinte (4%) professores não se encontram convencidos perante tal afirmação, enquanto 1 (0.1%) discorda totalmente. Vinte e seis (5%) professores referiram não ter opinião. Os professores com filhos concordam em maior número (227/ 54%) do que concordam

totalmente (161/ 38%), enquanto o grau de concordância e de concordância total é bastante semelhante (69/ 47%; 65/ 45%) nos professores sem filhos.

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	Filhos: Não									
	N = 146									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	0	0%	3	2%	70	48%	71	49%	2	1%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	2	1%	51	35%	89	61%	4	3%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	3	2%	19	13%	69	47%	39	27%	16	11%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	2	1%	18	12%	75	51%	30	21%	21	14%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	1	1%	16	11%	66	45%	56	38%	7	5%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	10	7%	57	39%	52	36%	15	10%	12	8%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	1	1%	46	32%	56	38%	13	9%	30	21%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	2	1%	10	7%	72	49%	52	36%	10	7%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	18	12%	88	60%	28	19%	7	5%	5	3%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	74	51%	64	44%	2	1%	2	1%	4	3%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	15	10%	59	40%	43	29%	16	11%	13	9%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	2	1%	2	1%	70	48%	60	41%	12	8%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	38	26%	70	48%	7	5%	3	2%	28	19%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	6	4%	69	47%	65	45%	6	4%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	1	1%	3	2%	62	42%	78	53%	2	1%

Quadro 21 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por existência de filhos)

Percepção dos professores quanto ao fenômeno do <i>cyberbullying</i>	Gênero: Masculino									
	N = 130									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	0	0%	2	2%	55	42%	71	55%	2	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	5	4%	54	42%	68	52%	3	2%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	1	1%	23	18%	56	43%	40	31%	10	8%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	2	2%	13	10%	76	58%	26	20%	13	10%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	1	1%	12	9%	67	52%	45	35%	5	4%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	8	6%	58	45%	45	35%	10	8%	9	7%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenômeno frequente.	0	0%	38	29%	55	42%	12	9%	25	19%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	1	1%	14	11%	64	49%	43	33%	8	6%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	15	12%	78	60%	19	15%	6	5%	12	9%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	66	51%	57	44%	2	2%	2	2%	3	2%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	11	8%	46	35%	42	32%	15	12%	16	12%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconômicos.	1	1%	7	5%	68	52%	42	32%	12	9%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	27	21%	72	55%	11	8%	2	2%	18	14%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	6	5%	64	49%	55	42%	5	4%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	0	0%	3	2%	49	38%	71	55%	7	5%

Quadro 22 - Percepção dos professores quanto ao fenômeno do *cyberbullying* (por gênero: Masculino)

Por último, face às consequências para a vítima e à afirmação que o *cyberbullying* pode ser destrutivo para as vítimas, 534 (94%) professores estão de acordo; dessa totalidade, mais de metade (290/ 51%) concorda totalmente, o que reforça a noção de concordância. Onze (2%) professores, por sua vez, discordam e 2 (0.3) discordam totalmente. A opção “sem opinião” foi assinalada por 22 (4%) professores.

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	< 30									
	N = 39									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	0	0%	1	3%	16	41%	20	51%	2	5%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	1	3%	16	41%	20	51%	2	5%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	1	3%	2	5%	19	49%	10	26%	7	18%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	1	3%	6	15%	18	46%	5	13%	9	23%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	0	0%	2	5%	20	51%	13	33%	4	10%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	6	15%	15	38%	12	31%	3	8%	3	8%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	0	0%	9	23%	19	49%	5	13%	6	15%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	0	0%	0	0%	21	54%	12	31%	6	15%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	6	15%	21	54%	4	10%	2	5%	6	15%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	19	49%	17	44%	0	0%	0	0%	3	8%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	4	10%	12	31%	15	38%	5	13%	3	8%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	0	0%	0	0%	21	54%	14	36%	4	10%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	8	21%	19	49%	1	3%	0	0%	11	28%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	2	5%	17	44%	16	41%	4	10%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	0	0%	1	3%	13	33%	21	54%	4	10%

Quadro 23 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por faixa etária: < 30)

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	31-40									
	N = 187									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	0	0%	4	2%	86	46%	95	51%	2	1%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	8	4%	68	36%	108	58%	3	2%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	3	2%	24	13%	82	44%	62	33%	16	9%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	1	1%	20	11%	106	57%	39	21%	21	11%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	1	1%	15	8%	97	52%	68	36%	6	3%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	12	6%	83	44%	59	32%	20	11%	13	7%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	5	3%	55	29%	71	38%	19	10%	37	20%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	1	1%	14	7%	88	47%	77	41%	7	4%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	29	16%	112	60%	32	17%	6	3%	8	4%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	97	52%	76	41%	6	3%	4	2%	4	2%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	11	6%	80	43%	59	32%	23	12%	14	7%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	4	2%	7	4%	100	53%	63	34%	13	7%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	28	15%	113	60%	16	9%	9	5%	21	11%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	1	1%	6	3%	100	53%	74	40%	6	3%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	2	1%	6	3%	78	42%	95	51%	6	3%

Quadro 24 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por faixa etária: 31-40)

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	41-50									
	N = 183									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	1	1%	4	2%	72	39%	102	56%	4	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	1	1%	5	3%	71	39%	101	55%	5	3%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	3	2%	27	15%	88	48%	53	29%	12	7%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	0	0%	25	14%	95	52%	38	21%	25	14%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	2	1%	12	7%	99	54%	64	35%	6	3%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	13	7%	82	45%	57	31%	20	11%	11	6%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	1	1%	59	32%	70	38%	9	5%	44	24%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	2	1%	16	9%	99	54%	60	33%	6	3%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	32	17%	105	57%	36	20%	3	2%	7	4%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	105	57%	66	36%	3	2%	2	1%	7	4%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	12	7%	66	36%	71	39%	11	6%	23	13%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	1	1%	6	3%	101	55%	57	31%	18	10%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	38	21%	95	52%	11	6%	2	1%	37	20%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	1	1%	98	54%	74	40%	10	5%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	0	0%	1	1%	80	44%	95	52%	7	4%

Quadro 25 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por faixa etária: 41-50)

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: 51-60									
	N = 150									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	1	1%	1	1%	82	55%	63	42%	3	2%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	4	3%	57	38%	80	53%	9	6%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	2	1%	16	11%	67	45%	50	33%	15	10%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	2	1%	15	10%	80	53%	34	23%	19	13%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	1	1%	15	10%	80	53%	49	33%	5	3%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	5	3%	58	39%	60	40%	15	10%	12	8%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	1	1%	53	35%	51	34%	12	8%	33	22%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	1	1%	12	8%	81	54%	46	31%	10	7%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	13	9%	97	65%	27	18%	6	4%	7	5%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	67	45%	70	47%	2	1%	5	3%	6	4%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	7	5%	64	43%	46	31%	14	9%	19	13%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	1	1%	13	9%	73	49%	46	31%	17	11%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	26	17%	80	53%	13	9%	2	1%	29	19%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	9	6%	75	50%	61	41%	5	3%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	0	0%	3	2%	67	45%	77	51%	3	2%

Quadro 26 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por faixa etária: 51-60)

Percepção dos professores quanto ao fenómeno do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: > 60									
	N = 10									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. O <i>cyberbullying</i> é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.	0	0%	0	0%	5	50%	4	40%	1	10%
2. O <i>cyberbullying</i> pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	0	0%	0	0%	4	40%	4	40%	2	20%
3. Uma vítima de <i>cyberbullying</i> não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	0	0%	2	20%	5	50%	2	20%	1	10%
4. O <i>cyberbullying</i> esconde a identidade do agressor.	0	0%	2	20%	6	60%	1	10%	1	10%
5. Um jovem pode ser vítima de <i>cyberbullying</i> em qualquer lugar e a qualquer hora.	0	0%	1	10%	3	30%	4	40%	2	20%
6. Com o <i>cyberbullying</i> , a agressão é somente psicológica/emocional.	0	0%	2	20%	5	50%	2	20%	1	10%
7. O <i>cyberbullying</i> é um fenómeno frequente.	0	0%	2	20%	5	50%	1	10%	2	20%
8. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> age de forma intencional e premeditada.	0	0%	1	10%	5	50%	3	30%	1	10%
9. Alguém que pratica <i>cyberbullying</i> não tem consciência do possível impacto na vítima.	1	10%	4	40%	4	40%	0	0%	1	10%
10. O <i>cyberbullying</i> prepara os jovens para o mundo dos adultos.	3	30%	4	40%	2	20%	0	0%	1	10%
11. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	1	10%	4	40%	2	20%	1	10%	2	20%
12. O <i>cyberbullying</i> é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	1	10%	0	0%	5	50%	1	10%	3	30%
13. Jovens com sucesso escolar não exercem <i>cyberbullying</i> sobre os colegas.	1	10%	6	60%	1	10%	0	0%	2	20%
14. O <i>cyberbullying</i> influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	0	0%	2	20%	6	60%	1	10%	1	10%
15. O <i>cyberbullying</i> pode ser destrutivo para as vítimas.	0	0%	0	0%	6	60%	2	20%	2	20%

Quadro 27 - Percepção dos professores quanto ao fenómeno do *cyberbullying* (por faixa etária: > 60)

Da análise feita conclui-se que a grande maioria dos professores evidencia conhecimentos quanto ao fenómeno em estudo e às características que lhe são inerentes e que o distinguem do *bullying* tradicional. Pois, por um lado, a maioria dos professores inquiridos acredita que o *cyberbullying* é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral, como também pode ser difundido de forma muito rápida e

perante um público muito grande. Por outro lado, a maioria também reconhece que uma vítima de *cyberbullying*, além de poder ser vitimizada a qualquer hora e em qualquer lugar, não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação ou sejam reproduzidos, como também que um agressor pode esconder a sua identidade. Quanto às questões de a agressão ser somente psicológica/emocional e o *cyberbullying* ser um fenómeno frequente, as opiniões dos professores inquiridos dividem-se, embora a maioria considere que se trata de um acto intencional e premeditado, logo que o agressor tem consciência do possível impacto na vítima. Segundo a maioria dos professores, o *cyberbullying* não prepara os jovens para o mundo dos adultos e não só influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens, como também pode ser destrutivo para as mesmas. Quanto ao facto de o *cyberbullying* ser praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados, os professores manifestam acordo e desacordo, contudo a maioria acredita que é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos, inclusive jovens com sucesso escolar.

4.4 Atitudes e responsabilidade dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying*

Pretendemos identificar o posicionamento dos professores face à realidade social em que se insere o *cyberbullying*, nomeadamente a sua predisposição para actuar neste âmbito. A maioria (333/59%) dos professores inquiridos concorda com a afirmação “Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*.”, enquanto 177 (31%) concordam totalmente (Quadro 28). Trinta e três (6%) professores discordam e 4 (1%) discordaram totalmente. Dezoito (3%), por sua vez, assinalaram não ter opinião. Se analisarmos estes dados por género, verificamos que não existem grandes diferenças entre os professores (Quadro 29) e as professoras (Quadro 30) em relação a nenhuma das questões desta dimensão. A diferença nunca é maior do que 5 pontos percentuais menos na terceira questão que abordaremos de seguida. A distinção por faixa etária permitiu chegar à conclusão que a maioria dos professores por faixa etária concorda ou concorda plenamente com a necessidade de formação para os professores. Dezassete (46%) professores com menos de 30 anos de idade concordam, 16 (43%) concordam totalmente, enquanto 4 (11%) discordam (Quadro 33). Este facto talvez possa deixar adivinhar que os professores mais novos estejam mais habituados às Novas tecnologias e sintam um maior à-vontade. Cento e catorze (61%) dos professores entre os

31 e 40 anos de idade concordam e um terço (61/ 33%) concordam totalmente (Quadro 34). Os números são idênticos aos números da faixa etária seguinte, pois 109 (60%) concordam e 56 (31%) concordam plenamente (Quadro 35). Oitenta e seis (58%) dos professores entre os 51 e os 60 anos de idade concordam e 42 (28%) discordam (Quadro 36). Sete (70%) professores com mais de 60 anos concordam e 2 (20%) concordam plenamente (Quadro 37). Na sua maioria, os professores com filhos (Quadro 31) concordam (258/ 61%) ou concordam totalmente (122/ 29%). Enquanto metade (75/ 52%) dos professores sem filhos concordam e 55 (38%) concordam plenamente.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	N = 565									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	4	1%	33	6%	333	59%	177	31%	18	3%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	26	5%	112	20%	319	56%	78	14%	30	5%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	4	1%	32	6%	327	58%	184	33%	18	3%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	19	3%	117	21%	291	52%	109	19%	29	5%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	2	0%	45	8%	315	56%	191	34%	12	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	66	12%	245	43%	161	28%	57	10%	36	6%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	4	1%	15	3%	355	63%	179	32%	12	2%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	2	0%	6	1%	226	40%	328	58%	3	1%

Quadro 28 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying*

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Género: Masculino									
	N = 129									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	5	4%	77	60%	44	34%	3	2%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	5	4%	23	18%	75	58%	21	16%	5	4%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	2	2%	5	4%	68	53%	48	37%	6	5%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	3	2%	27	21%	66	51%	26	20%	7	5%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	1	1%	9	7%	71	55%	46	36%	2	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	16	12%	51	40%	38	29%	16	12%	8	6%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	1	1%	3	2%	79	61%	46	36%	0	0%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	1	1%	0	0%	48	37%	80	62%	0	0%

Quadro 29 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por género: Masculino)

Quanto à afirmação “Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*”, mais de metade (319/56%) concorda, uma quinta parte (112/20%) discorda e 78 (14%) concordam totalmente. Vinte e seis (5%) professores discordam totalmente e 30 (5%) não se pronunciaram. Face a esta afirmação, os dados não relevam para resultados relevantes no que diz respeito à comparação entre professores e professoras. Quanto aos professores com menos de 30 anos na altura do preenchimento do inquérito, o número é igual para as opções “discordo” e “concordo totalmente” (8/ 22%), enquanto 20 (54%) concordam. As seguintes faixas etárias assinalaram a opção “concordo totalmente” com menor frequência (21/ 11%; 23/ 13%; 25/ 17%; 1/ 10%). Quanto às outras opções assinaladas por faixa etária, apenas a faixa etária dos 51-60 se destaca com 72 (49%) professores que optaram por concordar com a afirmação. Os dados variam no que concerne aos professores com ou sem filhos, pois enquanto 258 (61%) dos professores com filhos concordam e 122 (29%) concordam plenamente, apenas 75 (52%) dos professores sem filhos concordam e 55 (38%) concordam plenamente.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Género: Feminino									
	N = 429									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	4	1%	28	7%	251	59%	131	31%	15	3%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	21	5%	87	20%	240	56%	56	13%	25	6%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	2	0%	27	6%	255	59%	133	31%	12	3%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	16	4%	90	21%	219	51%	82	19%	22	5%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	1	0%	35	8%	238	55%	145	34%	10	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	50	12%	191	45%	119	28%	41	10%	28	7%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	3	1%	12	3%	270	63%	132	31%	12	3%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	1	0%	6	1%	174	41%	245	57%	3	1%

Quadro 30 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por género: Feminino)

Trezentos e vinte e sete (58%) professores inquiridos consideram que compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser *cyber*-agressores e 184 (33%) concordam totalmente. Apenas 32 (6%) professores discordam e 4 (1%) discordam totalmente. Dezoito (3%) assinalaram “sem opinião”. No que respeita o género dos professores, 255 (59%) professoras concordam com a atribuição das responsabilidades e 133 (31%) concordam totalmente. Sessenta e oito (53%) professores concordam e 48 (37%) concordam plenamente. Os professores com menos de 30 anos consideram esta afirmação como válida, pois a totalidade concordou (19/ 51%) ou concordou plenamente (18/ 49%), à semelhança dos professores acima dos 60 anos de idade que concordaram (5/ 50%) ou concordaram totalmente (3/ 30%). No que diz respeito às restantes faixas etárias, resolvemos destacar os casos de discordância, uma vez que as concordâncias são muito semelhantes. Quanto à faixa etária dos 31-40 anos, 2 (1%) discordaram totalmente e 10 (5%) discordaram. Na faixa seguinte, 15 (8%) discordaram e dos professores entre os 51 e os 60 anos de idade, 7 (5%) discordaram e 2 (1%) discordaram totalmente. Duzentos e sessenta e quatro (63%) professores com filhos concordam e 114 (27%) discordam, ao contrário dos 63 (43%) professores sem filhos e 70 (48%), respectivamente.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Filhos: Sim									
	N = 420									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	4	1%	20	5%	258	61%	122	29%	16	4%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	18	4%	88	21%	235	56%	57	14%	22	5%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	3	1%	26	6%	264	63%	114	27%	13	3%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	16	4%	90	21%	219	52%	71	17%	24	6%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	2	0%	32	8%	233	55%	143	34%	10	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	53	13%	171	41%	127	30%	40	10%	29	7%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	4	1%	12	3%	264	63%	130	31%	10	2%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	2	0%	6	1%	171	41%	238	57%	3	1%

Quadro 31 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por existência de filhos: Sim)

A afirmação “Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de *cyberbullying*.” já obteve resultados diferentes, pois enquanto metade (291/ 52%) dos professores concorda com a afirmação, 117 (21%) respondentes discordam e 109 (19%) concordam totalmente. Esta afirmação obteve resultados equivalentes à média nas três faixas etárias centrais, enquanto os professores com idade inferior a 30 e os professores com mais de 60 anos fizeram opções diferentes. Os professores mais novos concordam em menor número (15/ 41%) à média e concordam totalmente com maior frequência (11/ 30%). Os professores acima dos 60 anos, por sua vez, concordam (7/ 70%) e concordam totalmente (1/ 10%), não havendo discordância com a afirmação. Quanto a esta afirmação, 90 (21%) dos professores com filhos discordam, 219 (52%) concordam e 114 (27%) discordam totalmente. Dos professores sem filhos, por sua vez, discordam 27 (19%), enquanto 72 (50%) concordam e 38 (26%) concordam totalmente.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Filhos: Não									
	N = 145									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	13	9%	75	52%	55	38%	2	1%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	8	6%	24	17%	84	58%	21	14%	8	6%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	1	1%	6	4%	63	43%	70	48%	5	3%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	3	2%	27	19%	72	50%	38	26%	5	3%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	0	0%	13	9%	82	57%	48	33%	2	1%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	13	9%	74	51%	34	23%	17	12%	7	5%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	0	0%	3	2%	91	63%	49	34%	2	1%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	0	0%	0	0%	55	38%	90	62%	0	0%

Quadro 32 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por existência de filhos: Não)

Trezentos e quinze (56%) professores atribuem a responsabilidade em promover uma política de utilização segura da Internet aos agentes educativos, ou seja à escola e aos professores. Cerca de um terço (191/ 34%) concorda totalmente com esta afirmação, enquanto 45 (8%) discordam e 2 (0%) discordam totalmente. Doze (2%) professores assinalaram não ter opinião. Tendo em conta a variável da idade, houve algumas diferenças na escolha das opções. Dos professores com menos de 30 anos, 2 (5%) discordam da afirmação, enquanto 18 (49%) concordam e 16 (43%) concordam totalmente. Oito (4%) professores entre os 41 e 50 anos discordam, enquanto 108 (59%) concordam e 64 (35%) concordam totalmente. Na faixa etária seguinte, 19 (13%) discordam, 67 (45%) concordam e 58 (39%) concordam totalmente. Dos professores com mais de 60 anos de idade, 2 (20%) assinalaram discordar e 7 (70%) estão de acordo, embora nenhum esteja totalmente de acordo com a afirmação.

Duzentos e quarenta e cinco (43%) professores acreditam que o combate ao *cyberbullying* não passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas, ao contrário de 161 (28%). Sessenta e seis (12%) discordam totalmente da afirmação e 57 (10%) concordam totalmente, enquanto 36 (6%) mantêm uma posição neutra. Destacamos que os professores sem filhos discordam em maior número (74/ 51%), contudo discordam

totalmente em menor número (13/ 9%) em relação aos professores com filhos (171/ 41%, 53/ 13%), respectivamente. Na totalidade, os professores sem filhos concordam menos com a afirmação, o que se traduz em 34 (23%) concordâncias e 17 (12%) discordâncias totais. Ao invés dos professores com filhos, dos quais 127 (30%) concordam e 40 (10%) discordam.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do cyberbullying	Faixa etária: < 30									
	N = 37									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	4	11%	17	46%	16	43%	0	0%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	8	22%	20	54%	8	22%	1	3%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber-agressores</i> .	0	0%	0	0%	19	51%	18	49%	0	0%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	2	5%	8	22%	15	41%	11	30%	1	3%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	0	0%	2	5%	18	49%	16	43%	1	3%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	6	16%	14	38%	10	27%	6	16%	1	3%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	0	0%	1	3%	22	59%	14	38%	0	0%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	0	0%	0	0%	13	35%	24	65%	0	0%

Quadro 33 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do cyberbullying (por faixa etária: < 30)

Uma maioria absoluta de 355 (63%) concorda e 179 (32%) concorda totalmente que o tema do *cyberbullying* deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos, enquanto 15 (3%) e 4 (1%) discordam totalmente. Doze professores (2%) assinalaram não ter opinião quanto a esta questão. Destacamos que o número dos professores que concorda é ligeiramente superior (103/ 70%) nos professores entre os 51 e os 60 anos de idade, inferior no parâmetro “concorda totalmente” (36/ 24%), à semelhança do intervalo de idades seguinte com 8 (80%) concordâncias e 1 (10%) concordância total.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: 31-40									
	N = 187									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	2	1%	2	1%	114	61%	61	33%	8	4%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	10	5%	35	19%	111	59%	21	11%	10	5%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber-agressores</i> .	2	1%	10	5%	105	56%	61	33%	9	5%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	3	2%	44	24%	98	52%	28	15%	14	7%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	1	1%	14	7%	115	61%	53	28%	4	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	13	7%	82	44%	56	30%	21	11%	15	8%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	3	2%	6	3%	115	61%	59	32%	4	2%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	1	1%	2	1%	73	39%	111	59%	0	0%

Quadro 34 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por faixa etária: 31-40)

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: 41-50									
	N= 183									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	1	1%	14	8%	109	60%	56	31%	3	2%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	9	5%	36	20%	110	60%	23	13%	5	3%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber-agressores</i> .	0	0%	15	8%	103	56%	62	34%	3	2%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	10	5%	34	19%	95	52%	37	20%	7	4%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	0	0%	8	4%	108	59%	64	35%	3	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	32	17%	80	44%	49	27%	16	9%	6	3%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	0	0%	4	2%	107	58%	69	38%	3	2%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	0	0%	2	1%	74	40%	107	58%	0	0%

Quadro 35 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por faixa etária: 41-50)

Quanto à última afirmação “Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda”, uma questão que se prende principalmente com a forma como os professores encaram o seu papel como educadores, verificámos que a grande maioria se encontra disponível para apoiar os alunos nas situações que necessitem, pois 328 (58%) concordam totalmente e 226 (40 %) concordam. Por outro lado, houve 15 (3%) professores a discordar e 4 (1%) a discordar totalmente. Esta resposta foi a que teve a maior adesão, pois apenas 3 (1%) não se pronunciaram.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: 51-60									
	N= 148									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	1	1%	13	9%	86	58%	42	28%	6	4%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	7	5%	31	21%	72	49%	25	17%	13	9%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber-agressores</i> .	2	1%	7	5%	95	64%	40	27%	4	3%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	4	3%	31	21%	76	51%	32	22%	5	3%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	1	1%	19	13%	67	45%	58	39%	3	2%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	15	10%	66	45%	40	27%	14	9%	13	9%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	1	1%	4	3%	103	70%	36	24%	4	3%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	1	1%	2	1%	60	41%	83	56%	2	1%

Quadro 36 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por faixa etária: 51-60)

Esta análise aos dados demonstra que os professores manifestam, na sua grande maioria, vontade em ajudar os alunos e reconhecem a necessidade de actuar. A análise dos dados pela variável da idade demonstrou que não houve diferenças significativas face à média, embora se destaquem os seguintes valores, mesmo tendo em conta que responderam poucos indivíduos, resultando num valor percentual mais alto face aos restantes, como já alertámos anteriormente para este aspecto. Treze (35%) dos professores com idade inferior a 30 anos concordaram com a afirmação em causa e 24 (65%) concordaram totalmente. Quanto aos professores que ultrapassam os 60 anos, 6 (60%) concordam e 3 (30%) concordam totalmente, não havendo, em ambas as faixas, casos de discordância. Dos professores sem filhos

destacamos a concordância total com a afirmação, pois enquanto 55 (38%) concordaram, 90 (62%) concordaram totalmente, ao contrário dos 171 (41%) e 238 (57%) professores com filhos, respectivamente. Além disso, houve ainda 2 (0.5%) professores que discordaram totalmente e 6 (1.4%) que discordaram.

Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do <i>cyberbullying</i>	Faixa etária: > 60									
	N = 10									
	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem opinião	
1. Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	0	0%	7	70%	2	20%	1	10%
2. Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao fenómeno do <i>cyberbullying</i> .	0	0%	2	20%	6	60%	1	10%	1	10%
3. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser <i>cyber</i> -agressores.	0	0%	0	0%	5	50%	3	30%	2	20%
4. Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de <i>cyberbullying</i> .	0	0%	0	0%	7	70%	1	10%	2	20%
5. Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	0	0%	2	20%	7	70%	0	0%	1	10%
6. O combate ao <i>cyberbullying</i> passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	0	0%	3	30%	6	60%	0	0%	1	10%
7. O tema do <i>cyberbullying</i> deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	0	0%	0	0%	8	80%	1	10%	1	10%
8. Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	0	0%	0	0%	6	60%	3	30%	1	10%

Quadro 37 - Atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (por faixa etária: > 60)

Da análise feita a esta dimensão conclui-se que a grande maioria dos professores precisa de formação relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*, como também encara a sua responsabilidade na formação dos jovens neste âmbito. A maior parte dos professores acredita que compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser nem *cyber*-agressores nem vítimas de *cyberbullying*, embora um quinto dos professores inquiridos discorde. Conclui-se, também, que a maioria atribui a responsabilidade de promover uma política de utilização segura da Internet à escola/professores, como também que o tema do *cyberbullying* deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos. Quanto à possibilidade de o combate ao fenómeno passar pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas, as opiniões dos professores dividem-se. Por último, a quase

totalidade dos professores inquiridos acredita que os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.

4.5 Contacto/Experiência com situações de *cyberbullying*

Os dados desta questão referem-se à experiência que os professores podem ter tido com situações de *cyberbullying* ao longo do tempo e foram submetidos a uma análise de conteúdo simples. Durante a análise de conteúdo dos itens de resposta aberta, verificámos que algumas respostas são passíveis de ser atribuídas a duas categorias em simultâneo. Para simplificar, mas sem comprometer o conteúdo da resposta, optámos pela categoria mais evidente. Quanto às situações reportadas pelos professores, optámos pelo mesmo método, tendo em conta que, talvez com mais pormenores, a situação pudesse ser classificada de forma distinta. Como refere Willard (2007:10), as situações de *cyberstalking*, *denigration* e *impersonation* podem, por vezes, coincidir ou sobrepor-se.

Houve 84 professores que responderam a esta questão, analisamos, contudo, 88 dado que alguns professores forneceram mais do que uma situação válida e passível de ser considerada *cyberbullying* (Quadro). Na sua maioria, as respostas foram curtas e concisas, não permitindo extrair mais conteúdo de cada comentário além da classificação da situação de *cyberbullying*. As categorias que estabelecemos foram as seguintes:

- *Outing*
- *Denigration*
- *Harassment*
- *Exclusion*
- *Cyberstalking*
- *Flaming*
- *Cyberbullying* (vitimização de adultos/professores)
- Referência a situações sem pormenores
- Conhecimento do conceito e de casos através dos *mass media*
- Comentário sobre a dimensão do fenómeno
- Sem conteúdo (campo foi apenas assinalado para referir que não conhece casos de *cyberbullying*)

As primeiras seis referem-se aos tipos de *cyberbullying* segundo Willard (2007) que já mencionámos no capítulo que engloba o enquadramento teórico.

	Partilha de situações de cyberbullying	
	N = 88	
<i>Outing</i>	15	17%
<i>Denigration</i>	10	11%
<i>Harassment</i>	2	2%
<i>Exclusion</i>	1	1%
<i>Cyberstalking</i>	2	2%
<i>Flaming</i>	1	1%
<i>Cyberbullying</i> (vitimização de adultos)	11	13%
Referência a situações sem pormenores	6	7%
Conhecimento do conceito e de casos através dos <i>mass media</i>	7	8%
Comentário sobre a dimensão do fenómeno	3	3%
Sem conteúdo (campo foi apenas assinalado para referir que não conhece casos de <i>cyberbullying</i>)	31	35%

Quadro 38 - Contacto/ Experiência com situações de *cyberbullying*

Os professores referiram 14 situações de *outing* e reportaram, principalmente, situações em que alguns alunos tiraram fotografias aos colegas, com ou sem consentimento deles, fazendo-as posteriormente circular pela comunidade educativa sem a sua autorização por parte da vítima. Referiram, de igual modo, situações de término de namoro entre adolescentes em que um dos indivíduos reencaminha fotografias de cariz íntimo do antigo(a) parceiro(a) a terceiros. Transcrevemos, a título exemplificativo, as respostas de dois dos professores:

- Professor 81: “No fim de uma aula de Educação física, aquando da hora do banho, uma colega tirou uma foto com o telemóvel a outra colega, que se encontrava despida. A vítima, que concordou em tirar a foto, nunca pensou que a foto seria divulgada por todos. A fotografia chegou às mãos de toda a comunidade educativa.”
- Professor 113: “O caso foi através o envio de imagens muito íntimas e comprometedoras de uma jovem para o seu amigo especial que as divulgou junto de outros amigos que as foram passando através de mms para muitos mais.”

Quanto a situações de *denigration*, os 10 comentários dos professores incidiram sobretudo sobre a existência de perfis falsos com o intuito de difamar a vítima ou denegrir a sua imagem perante os seus pares. As duas citações que se seguem exemplificam a existência de

este tipo de *cyberbullying* em Portugal e demonstram que existem casos em que os agressores têm sucesso escolar, algo que é corroborado pelas percepções dos professores inquiridos (ver Quadro 18).

- Professor 10: “A minha filha já foi vítima de cyberbullying. Uma amiga ligou-lhe a avisar que no facebook tinha uma fotografia pornográfica e uma mensagem em nome dela a maltratar todos os amigos.”
- Professor 641: “Duas "amigas" e colegas de turma, ambas com sucesso académico, sempre juntas e ambas a trabalhar para entrar em medicina, 10º ano. Quando uma começa a ter melhores resultados a outra cria um blogue anónimo onde começa a denegrir a amiga de todas as formas.”

Dois professores mencionaram 2 situações de *harassment*, em que a vítima recebeu repetidamente mensagens insultuosas. Destacamos a seguinte citação que, além de ilustrar este tipo de *cyberbullying*, alude às consequências deste género de vitimização.

- Professor 323: “O caso que conheço mais de perto passou-se com uma colega de turma de um dos meus filhos. A rapariga não era da cidade, estava mal integrada na turma e penso que na escola. Começou a receber mensagens no telemóvel, com insultos e dizendo que ela não pertencia ao sítio onde estava (escola, turma, ...). [...] a aluna não aguentou a pressão. Mudou de escola e penso que de cidade.”

Foi, também, referida uma situação de *exclusion* em que a aluna foi rejeitada pelos colegas, tanto em ambiente *online*, como *offline*. A situação de exclusão está patente na seguinte citação:

- Professor 63: “[...] uma aluna de 13 anos que era ignorada por todos os colegas da turma (23 sujeitos) na escola, não sendo, por exemplo, cumprimentada de manhã (mesmo que estivesse na companhia de outras alunas que recebiam beijinhos na cara), sabia que todos conversavam no MSN ou Facebook e não era convidada por ninguém para se integrar na turma (e já desde o 5º ano que estava inserida nessa turma).”

Foram mencionadas 2 situações de *cyberstalking*, ou seja a perseguição e o envio constante de mensagens intimidatórias ou extremamente ofensivas, acompanhadas de ameaça de morte.

- Professor 292: “Uma aluna [...] estava a ser ameaçada de morte e insultada por um elemento de outra turma, outra menina.”
- Professor 470: “Um aluno recebia mensagens ofensivas de um colega da turma, com insultos e ameaças para não dizer nada.”

Um professor referiu uma situação de *flaming* em que um comentário despoleta uma série de insultos em ambiente *online* entre dois colegas. Na seguinte citação é referido que a situação transformou-se num incidente de agressão tradicional:

- Professor 506: “A situação teve como intervenientes dois alunos de 15 anos de idade, da mesma turma e com hábitos sociais saudáveis. Trocavam mensagens numa rede social e a dado momento um deles interferiu com o bom nome da irmã do outro. Resultado: premeditação de agressão com mandante disfarçado e agressores convidados.”

Houve 11 professores que referiram situações de vitimização *online* de adultos, um deles refere apenas *bullying*. Mencionaram a criação de perfis falsos de colegas professores com alojamento dos mesmos em redes sociais e a gravação oculta de vídeos durante a situação de sala de aula.

Seis professores referiram conhecer situações ou ter lidado com elas mais de perto, mas, além de referirem esse facto, não indicaram mais pormenores ou explicações pelo que criámos esta categoria.

Sete professores mencionaram que tinham ficado a conhecer casos de *cyberbullying* através dos *mass media*, contudo, não identificaram os casos em causa, nem forneceram mais detalhes.

Três professores referiram conhecer a dimensão do fenómeno do *cyberbullying*, mas além de um comentário geral não adicionaram detalhes passíveis de mais análise de conteúdo.

Trinta e um professores apenas referiram “não”, “nunca” ou outras breves declarações que evidenciam que o campo foi apenas assinalado para referir que não há conhecimento de casos de *cyberbullying* ou algo a acrescentar.

4.6 Comentários adicionais por parte dos professores

Responderam à última questão do questionário, a qual convidava os inquiridos a deixar alguma sugestão ou fazer um comentário, 91 professores. À semelhança do que já foi referido anteriormente, os dados também foram submetidos a uma análise de conteúdo. As categorias consideradas emergiram da análise dos dados e são as seguintes:

- Necessidade de formação ou actuação sobre o *cyberbullying* em geral e/ou necessidade de divulgação do tema perante um público mais amplo
- Importância do fenómeno/
Felicitações pela escolha do tema
- Posição face ao *cyberbullying*
- Comentário acerca do questionário
- Votos de bom trabalho
- Sem conteúdo relevante (campo foi apenas assinalado para referir que não pretende deixar sugestão ou fazer algum comentário)

	Partilha de situações de <i>cyberbullying</i>	
	N = 91	
Necessidade de formação ou actuação sobre o <i>cyberbullying</i> em geral e/ou necessidade de divulgação do tema perante um público mais amplo	42	46%
Importância do fenómeno/ Felicitações pela escolha do tema	13	14%
Posição face ao <i>cyberbullying</i>	17	19%
Comentário acerca do questionário	4	4%
Votos de bom trabalho	3	3%
Sem conteúdo (campo foi apenas assinalado para referir que não pretende deixar sugestão ou fazer algum comentário)	12	13%

Quadro 39 - Comentários adicionais

A primeira categoria, apesar de parecer muito ampla e abrangente, engloba os comentários proferidos pelos professores que se referem à necessidade de formação para os professores, como também os apelos à divulgação das conclusões deste e outros estudos porque, em alguns casos, os professores apelam à actuação através da divulgação de estudos ou de formação específica. Por vezes, apenas referem que é necessário agir, o que não permitiu distinguir mais categorias, uma vez que o conteúdo relevante para análise surge em conjunto. Por outro lado, alguns professores referem a necessidade de formação para um público mais geral, incluindo pais e professores, o que impossibilita uma distinção mais clara entre os destinatários concretos para uma possível formação ou divulgação de estudos. Concluímos que, na sua maioria, existe um apelo à actuação por parte dos professores. Quarenta e duas entradas nesta categoria provam a pertinência de alguma acção neste âmbito. Referimos os seguintes exemplos que demonstram que os professores sentem necessidade de formação (especializada) no âmbito do *cyberbullying* uma vez que se encontram sensibilizados para o tema:

- Professor 142: “Nas escolas temas como este deviam ser mais divulgados, entre alunos, professores e funcionários.”
- Professor 219: “Não conhecia o termo para esta problemática, com este inquérito passei a conhecer e tenho agora a curiosidade de o explorar e acho que deviam ser feitas "formações" neste tipo de temáticas.”
- Professor 393: [...] a Escola ainda não colocou na agenda, a questão do Cyberbullying. [...] Só com a formação/informação da população adulta e jovem, se poderá combater o fenómeno em estudo.

Na segunda categoria tentámos abranger todos os comentários que fazem referência à importância ou actualidade do tema, sem interferir nas restantes categorias. Obtivemos os comentários de 13 professores. Inserimos aqui também as felicitações dirigidas às investigadoras por parte dos professores porque, na maior parte das vezes, surgiram em conjunto, embora consideremos que se trata de duas categorias diferentes. Referimos os seguintes comentários como exemplo:

- Professor 120: “Parabéns pela escolha do tema. É fundamental conhecer a dimensão e os contornos do problema para melhor lidar com ele, [...]”
- Professor 150: “O Cyberbullying é um fenómeno actual e muito preocupante.”

Nesta categoria tentámos agrupar a posição que os professores inquiridos têm face ao *cyberbullying*, quer seja uma visão que desvaloriza o fenómeno quer sejam sugestões para abordar a temática. Obtivemos 17 comentários, entre eles alguns testemunhos críticos em relação à forma como o *cyberbullying* é encarado na actualidade, nomeadamente observações que apontam para a necessidade de desvalorizar o fenómeno e para a urgência de uma (re)valorização da educação para os valores e de uma maior responsabilização dos pais. As seguintes citações ilustram, de certa forma, a forma como alguns dos professores inquiridos percebem o *cyberbullying*:

- Professor 48: “Não só a escola mas também a família deve estar desperta e sensibilizada para esta problemática.”
- Professor 58: “O respeito pelo outro, é um valor que deveria ser incutido nas crianças e jovens desde muito cedo. O Cyberbullying será uma das consequências desta falha.”

- Professor 190: “É uma temática que preocupa /ou tem tendência a preocupar a Escola e os investigadores, mas entendo haver aspectos bem mais pertinentes e de maior reflexo junto dos jovens, dos professores e, também, das famílias.”
- Professor 199: “A par de outras situações emergentes nas sociedades actuais, esta temática deve ser considerada de forma transversal nos currículos e na educação parental.”
- Professor 458: “Os procedimentos tendentes à resolução destes casos, deveriam estar mais ligados ao ministério da administração interna e menos ao ministério da educação.”

Quatro professores fizeram comentários acerca do questionário, nomeadamente quanto à sua estruturação. Um comentário aludia a uma redução da escala do tipo Likert e um outro comentário sugeria a inserção de referência a “possível conhecimento de instituições, organismos estatais e associações de prevenção do fenómeno analisado”.

Três professores fizeram questão em desejar uma continuação de bom trabalho às investigadoras e, por último, houve 12 professores que apenas assinalaram o campo dos comentários para referir que não pretende fazer qualquer sugestão ou fazer algum comentário.

Verificámos que houve comentários relevantes e, acima de tudo, ilustrativos de algumas situações de cyberbullying que existem em Portugal. Conhecer a realidade (educativa) é fulcral e antecede qualquer avanço em termos de delimitação de estratégias. Acreditamos que o nosso trabalho tem relevância, algo que é provado pelos comentários dos professores que lidam diariamente com jovens e pela própria existência do fenómeno.

De seguida, apresentaremos as nossas conclusões finais em função das questões de investigação que nos propusemos a responder desde o início do nosso trabalho.

“Fim – o que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa.”

Agustina Bessa-Luís

Capítulo V – Conclusões e considerações finais

Como referem Aoyama & Talbert (2010), alguns educadores e pais acreditam que o *cyberbullying* é pouco habitual e apenas é praticado por jovens “com problemas”. Contudo, e considerando o facto que as novas tecnologias fazem parte da rotina diária de qualquer jovem, não é surpreendente que a forma como agridem os seus colegas se tenha adaptado às tendências tecnológicas. É, naturalmente, previsível que o número de alunos com acesso à Internet e telemóveis aumente todos os anos. Os equipamentos tecnológicos estão a tornar-se cada vez mais compactos, rápidos, mais interactivos e mais ubíquos. Como resultado o número de incidentes de *cyberbullying* deverá aumentar à escala mundial, sendo, é essencial para os professores e pais entenderem as características inerentes ao *cyberbullying* e preparar estratégias para prevenir o seu alastramento. Torna-se importante educar os jovens no sentido de tomar o primeiro passo necessário no combate ao *cyberbullying*: falar com um adulto. A ideia de pedir ajuda a quem possa ajudar é fulcral uma vez que os jovens julgam, muitas vezes, ser capazes de lidar com qualquer problema sozinhos ou acreditam que estão a “proteger” os colegas e amigos mantendo o sigilo perante terceiros - pais ou professores. Sublinha-se que vários estudos indicam que, em caso de serem vítimas de *cyberbullying*, os jovens tendem a partilhar esse facto com os colegas e pares, mais do que com os pais e professores. Patchin & Hinduja (2006) referem que 56,6% dos jovens inquiridos no seu estudo admitiram ter contado a verdade a amigos virtuais e 25,7% falaram com amigos. Por outro lado, apenas 19,5% referiram ter falado com os pais e 16,8% com um irmão ou irmã. Li (2006) refere que apenas 64,1% dos 264 alunos inquiridos acreditava que os adultos nas escolas tomaria medidas concretas se fossem informados acerca de ocorrências de *cyberbullying*.

Este trabalho dirige-se, principalmente, àqueles que trabalham com jovens e adolescentes, ambicionando um maior esclarecimento sobre a matéria do *cyberbullying*. Em primeiro lugar é essencial traçar um quadro sobre a situação actual, nomeadamente os conhecimentos que os professores possuem acerca deste fenómeno emergente tendo sido nesse sentido o contributo deste estudo. Como próximo passo surge a importância de dotar os professores do conhecimento necessário para saber lidar com eventuais situações de conflito.

No segundo capítulo, o capítulo do enquadramento teórico, verificámos que existem estudos que focam as percepções por parte dos professores no que toca a temática do *cyberbullying*, contudo apenas encontramos uma distinção dos dados por género. Não nos foi possível obter dados referentes quanto à distribuição por faixa etária ou quanto à influência da

existência, ou não, de filhos, nas percepções e conhecimentos dos professores. Desta forma, faremos um confronto dos nossos dados com a literatura existente apenas nesta variável, o género.

A primeira dimensão do questionário permitiu-nos obter dados referentes à caracterização pessoal e profissional dos professores inquiridos. Verificámos que houve um número muito reduzido de professores com idade superior a 60 anos ou com idade inferior a 30 anos que respondeu. A amostra foi constituída por três quartos de professoras e apenas um quarto de professores, contudo, a docência no ensino não superior ainda é uma profissão com maior incidência do sexo feminino.

A segunda dimensão remeteu-nos para os conhecimentos dos professores quanto ao *cyberbullying* e permitiu-nos obter respostas quanto à seguinte pergunta de investigação orientadora da questão principal: “Que conhecimentos é que os professores possuem acerca do *cyberbullying*?”

A grande maioria conhece pelo menos o termo, sendo que menos de 10% desconhecem. Isto significa que os professores possuem conhecimentos acerca da temática em causa, algo que é reforçado pelo facto de três quartos dos professores inquiridos referirem que conhecem bem o conceito, embora a maioria (72%) ainda não tenha lidado com casos pessoalmente. É de referir que tem havido alguma cobertura pelos meios de comunicação social, por outro lado, julgámos que o conceito do *bullying* tradicional é conhecido e, por inferência devido ao prefixo *cyber*, seja possível deduzir o significado do termo em questão. É de referir que, mesmo sendo breve, colocámos uma explicação do *cyberbullying* no início do questionário. Destacamos que 71 % dos professores inquiridos refere ter interesse pelo tema, algo que, num sentido mais lato, pode também ser considerado um objectivo a atingir pelo nosso trabalho – a sensibilização para o tema, uma vez que alguém com interesse procura obter mais informação. A maioria dos professores atribui ao *cyberbullying* o devido valor, uma vez que não é considerado algo da idade, nem um fenómeno artificial e transitório.

A seguinte dimensão prende-se com as percepções dos professores quanto ao fenómeno e relaciona-se com as seguintes perguntas orientadoras:

“Como percebem os professores o fenómeno do *cyberbullying*?” e “Que significado/importância atribuem os professores ao *cyberbullying*?”

Chegámos à conclusão que a grande maioria dos professores interpreta o cyberbullying de forma correcta, apenas varia no grau de intensidade de concordância ou discordância de acordo com a escala. Preocupa-nos, por vezes, o número de professores que não possuem opinião, pois não sabemos se este facto deverá ser atribuído à falta de conhecimento ou ao facto de não haver um posicionamento em termos de opinião.

A primeira afirmação (“O *cyberbullying* é uma forma de agressão que transpõe o recreio, os limites da escola e o espaço físico em geral.”) resume o conceito em análise e a percentagem de concordância de 96%, sendo que 50% correspondem à concordância total, prova a nossa conclusão: os professores conhecem uma das características essenciais do *cyberbullying*. Por outras palavras, a maioria dos professores inquiridos possui conhecimento acerca do *cyberbullying*. As deduções que podemos retirar do posicionamento dos professores quanto às próximas cinco questões são semelhantes. A questão “Com o *cyberbullying*, a agressão é somente psicológica/emocional” refere-se ao facto que a vitimização ocorre apenas através dos meios digitais e tecnológicos, não havendo força física. Em alguns casos, contudo, o *cyberbullying* está ligado à *bullying* tradicional ou físico e, em casos extremos, a agressão física pode conduzir a consequências físicas. Acreditamos que o número mais elevado de discordâncias indica que ainda existe alguma confusão quanto à distinção dos conceitos por demasiada inferência. Por outro lado, os professores também podem ter-se referido às possíveis consequências físicas.

A análise da questão “O *cyberbullying* é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados” evidencia que os professores pensam de forma distinta. Dado que os professores inquiridos indicam ter opiniões divergentes, concluímos que existem professores que acreditam, ou não, que actos de *cyberbullying* também podem ser praticados por alunos com rendimento escolar positivo e um comportamento (aparentemente) adequado.. Curiosamente os valores são quase semelhantes, pois apenas diferem em 6 pontos percentuais. Apenas retiramos uma dedução desta análise: urge em esclarecer e fornecer factos sobre a realidade do *cyberbullying*, algo que fizemos no capítulo do enquadramento teórico, nomeadamente sobre o perfil de crianças que exerce *bullying*.

Chegámos a conclusões semelhantes ao analisar as questões “O *cyberbullying* é praticado por jovens de todos os extractos socioeconómicos.” e “Jovens com sucesso escolar

não praticam *cyberbullying*.”, nomeadamente que é necessário (in)formar os professores com dados concretos acerca do fenómeno em causa. Existem estudos que investigam os perfis dos *bullies*, como referido aquando do enquadramento teórico, contudo ainda não existem referências suficiente a estudos que se prendam com o *cyberbullying*.

Nas últimas duas questões (“O *cyberbullying* influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta dos jovens.” e “O *cyberbullying* pode ser destrutivo para as vítimas.”), o grau de concordância é superior a 90%, o que reforça as nossas conclusões: os professores percebem o fenómeno como uma área que merece importância.

A dimensão referente às atitudes e responsabilidades dos professores quanto à prevenção do *cyberbullying* (pergunta 7) pretende fornecer-nos respostas para as questões “Segundo os professores, qual a necessidade de actuação na prevenção do *cyberbullying*?” e “Como encaram os professores a sua função educadora no âmbito do *cyberbullying*?”, ou seja, pretendemos compreender as representações que os professores têm do seu papel como educadores na sociedade digital e compreender o julgamento que os professores fazem quanto à necessidade de actuação na prevenção do *cyberbullying*.

A questão “Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do *cyberbullying*.” permite compreender que os professores reconhecem a necessidade de formação especializada nesta matéria. Além de ser desejável haver formação contínua e recorrente para os agentes educativos, esta área dá-nos uma perspectiva nova, pois o conhecimento que se adquire no âmbito das Novas tecnologias torna-se rapidamente obsoleto e requer uma constante actualização. Como apenas uma décima parte dos professores inquiridos afirma não haver necessidade de formação ou não tem uma opinião, compreendemos que os professores se encontram disponíveis, mas que não se sentem preparados, daí a referência à necessidade de obter formação. A segunda, terceira e a quarta questão desta dimensão deixam adivinhar que os professores reconhecem as suas responsabilidades no âmbito da formação dos jovens neste actual quadro tecnológico, mas também atribuem responsabilidades aos Encarregados de Educação, pois têm consciência que o apoio dos pais é fulcral. Principalmente se tivermos em conta que o *cyberbullying* pode ter efeitos visíveis sobre os alunos na escola, nomeadamente no que diz respeito ao seu rendimento escolar, como também pode ser a continuação de práticas de vitimização transferidas do espaço escolar para o doméstico, estas

afirmações por parte dos professores ganham relevância no sentido de cooperação entre ambas as partes. Por outro lado, também existe uma distinção por parte dos professores inquiridos no que toca à formação e à supervisão dos jovens, patente nas mesmas questões. A formação e a disponibilização de conteúdos competem aos professores (“Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.” e “O tema do *cyberbullying* deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.”) enquanto a supervisão faz parte do âmbito dos pais (“Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser *cyber-agressores*.” e “Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de *cyberbullying*.”). Relembramos que há comentários proferidos por professores a apontar neste sentido, por exemplo “[...] a escola pode e deve dar a informação, mas não pode prevenir, isso é uma tarefa exclusivamente da responsabilidade dos pais pois é em casa que eles estão no computador”.

Tendo em conta as respostas fornecidas pelos professores que também são pais e os professores que não têm filhos, não verificámos grande distinção, a não ser um pouco mais de “convicção” por parte deste último grupo o que se manifestou na escolha dos itens assinalados com “totalmente”, e na quarta questão que se prende com a atribuição de responsabilidades. Um quarto dos professores sem filhos concordam totalmente em afirmar que compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de *cyberbullying*, ao contrário dos professores com filhos.

Considerámos importante esclarecer neste ponto que está fora do nosso âmbito verificar se o conhecimento ou as percepções dos professores estão correctas ou não. Pretendemos traçar um quadro realista da situação no que concerne aos professores de forma a prestarmos um serviço útil para a comunidade educativa e sociedade em geral ao fornecer pistas para ajudar a lidar com o fenómeno do *cyberbullying*. Por isso, e de acordo com a nossa questão geral de investigação, concluímos que os professores inquiridos possuem conhecimento acerca do fenómeno do *cyberbullying*. Quanto às percepções, estas estão de acordo com o expectável e coincidem com os dados baseados no conhecimento existente até à data. No que concerne as atitudes dos professores, a maioria manifesta vontade em aprender mais sobre a temática em geral, como também atribui um elevado valor ao seu papel como educadores na actual sociedade digital, limitado apenas pelo espaço físico da escola, como refere o Professor 6 “a escola pode e deve dar a informação, mas não pode prevenir, isso é uma tarefa exclusivamente

da responsabilidade dos pais, pois é em casa que eles estão no computador”. A nosso ver, esta afirmação revela-se verdadeira quanto à primeira parte, contudo acreditamos que a prevenção provém da informação. Os professores podem prevenir, contudo precisam de possuir uma base de conhecimento sólida para poder responder a este desafio.

Após a concretização deste estudo, consideramos pertinente fazer a replicação do mesmo e outras zonas do país, uma vez que os resultados poderão ser distintos. Será também interessante analisar, em futuros estudos, um maior conjunto de variáveis, nomeadamente a experiência dos professores nos vários níveis de ensino. Consideramos esta questão eventualmente pertinente dado que o *cyberbullying* se encontra mais associado aos adolescentes como referimos no anterior enquadramento teórico. Contudo, será também interessante obter e comparar os dados provenientes dos professores que lidam com faixas etárias mais jovens, perspectivando o fenómeno do *cyberbullying* como algo que surge cada vez mais cedo devido à crescente literacia digital, com os dados dos professores que lidam com adolescentes. Consequentemente, deveria ser traçado um plano de formação, algo que foi solicitado por um grande número de docentes neste estudo.

No contexto do *cyberbullying* e dos vários riscos associados à Internet e demais dispositivos de comunicação electrónica, devemos ter em conta que, acima de tudo, as novas tecnologias em si não são boas nem más, depende do uso que se faça delas e da motivação de cada indivíduo. Neste sentido, “the Internet space is a perfect playground for many adolescents which provides many like-minded friends and where self-expression is made easy.” Shimoda, 2008 *apud* Aoyama & Talbert (2010:187) De uma forma geral, todos reconhecemos as vantagens e oportunidades que a Internet nos oferece. Mas, como membros activos da Sociedade da Informação é necessário mantermo-nos informados para poder informar. E, fazendo das palavras de Ponte & Vieira (2008) nossas e perspectivando a telecomunicação móvel pelo mesmo prisma, concluímos o nosso trabalho referindo:

A Internet é, na actualidade, um elemento chave na educação, iguala as classes sociais ao permitir o acesso às mesmas informações, possibilita a interacção com pessoas de outros países e culturas, serve como ferramenta integradora para os incapacitados e aumenta as possibilidades de entretenimento, entre muitas outras vantagens ... a Internet é uma realidade.

Bibliografia

- Amado, J., Matos, A. & Pessoa, T. (2009a). *Cyberbullying - The situation in Portugal (Country Report)*.¹⁶ Disponível em: <http://www.cybertraining-project.org/.../CyberTraining%20-%20Situation%20in%20Portugal.doc> (Acedido a: 05/07/10)
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T. & Jäger, T. (2009b). Cyberbullying: um desafio à Investigação e Formação. *Interacções*, 13, pp. 301-326. Disponível em: <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/M16%20-%20Amado%20et%20al.pdf> (Acedido a: 05/07/10)
- Aoyama, I. & Talbert, T. (2010). Cyberbullying Internationally Increasing: New Challenges in the Technology Generation. In Zheng, R., Burrow-Sanchez, J., Donnelly, S., Call, M., & Drew, C. (2010). *Adolescent online social communication and behavior: Relationship formation on the Internet*. Hershey: Information Science Reference, pp. 183-201.
- Bhat, C. (2008). Cyber Bullying: Overview and Strategies for School Counsellors, Guidance Officers, and All School Personnel. *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 18(1), pp. 53–66
- Belsey, B., (2004). *What is cyberbullying?* Disponível em: http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Information.pdf (Acedido a: 05/07/10)
- Belsey, B., (2010). *Cyberbullying: An Emerging Threat to the “Always On” Generation*. Disponível em: http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf (Acedido a: 05/07/10)
- Beran, T. & Li, Q. (2007). The Relationship between Cyberbullying and School Bullying. *Journal of Student Wellbeing December, 1 (2)*, pp.15-33.
- Boyd, D. (2008). Why Youth ♥ Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life. *Youth, Identity, and Digital Media*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.pp. 119–142.
- Campbell, M. (2005). Cyber bullying: An old problem in a new guise?. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 15 (1), 68-76.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para a auto-aprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2005). *Research methods in education*. London: Taylor & Francis e-Library.

¹⁶ Estudo internacional elaborado no âmbito do projecto *Cyber Training* com apoio da Comissão Europeia/Leonardo Da Vinci 2008-2010 (Project No. 142237-LLP-1-2008-1-DE-LEONARDO-LMP).

- Erikson, E. (1995). *Childhood and Society*. London: Vintage.
- Espelage, D. & Swearer, S., (2003). Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here?. *School Psychology Review*, 32 (3), 365–83.
- European Commission, Eurostat (2009). *Youth in Europe – A statistical portrait*. Disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-78-09-920/EN/KS-78-09-920-EN.PDF (Acedido a: 10/09/2010)
- Fortin, M. F. (1996). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Hanewald, R. (2008). Confronting the Pedagogical Challenge of Cyber Safety. *Australian Journal of Teacher Education*, 33 (3).
- Hernández Prados, M. Á. & Solano Fernandez, I. (2007). Cyberbullying, un problema de acoso escolar (cyberbullying, a bullying problem). *RIED*, 10(1), pp. 17-36.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2008). Cyberbullying: an exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*. Volume 29, pp.129-156.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard*. California: Corwin Press.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2010). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives of Suicide Research*, 14 (3), 206-221.
- Juvonen, J. & Gross, E. (2008). Extending the school grounds?—bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78 (9), pp. 496-505.
- Kowalski, R. M., Limber, S. P. & Agatston, P. W. (2008). *Cyber bullying: Bullying in the Digital Age*. Malden: Blackwell Publishing.
- Li, Q. (2007). *Bullying in the new playground: Research into cyberbullying and cyber victimization*. *Australasian Journal of Educational Technology*. 23(4) pp.435-454.
- Li, Q. (2008). Cyberbullying in schools: An examination of pre-service teachers' perception. *Canadian Journal of Learning and Technology*, 34(2), 75-90.
- Limber, S. P., & Small, M. A. (2003). State laws and policies to address bullying in schools. *School Psychology Review*, 32, pp. 445-455.
- Livingstone, S. & Haddon, L. (2009). *EU Kids Online: Final report*. LSE, London: EU Kids Online. Disponível em: <http://www.eukidsonline.net> (Acedido a: 20/08/2011)

- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., and Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings*. LSE, London: EU Kids Online. Disponível em: <http://www.eukidsonline.net> (Acedido a: 20/08/2011)
- Marr, N. & Field, T. (2011, 2001). *Bullycide: Death at playtime*. Langley: Bewrite Books.
- Mckenna, P. (2007). The rise of cyberbullying. *New Scientist*, 195 (2613), p. 26.
- Miller, S., Miller, K. & Allison, C. (2010). Connected at any Cost: Adolescent Developmental Needs and Online Relationship Formation. In Zheng, R., Burrow-Sanchez, J., Donnelly, S., Call, M., & Drew, C. (2010). *Adolescent online social communication and behavior: Relationship formation on the Internet*. Hershey: Information Science Reference, pp. 50-68.
- Morais, T. (2007). *Bullying e Cyberbullying – as diferenças*. Disponível em: <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-09-11.html> (Acedido a: 05/07/10)
- Neves, J. P. & Pinheiro, L. (2009). *A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação*. Comunicação às Conferências Lusófona, 6º SOPCOM/4ºIBÉRICO. Disponível em: http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254 (Acedido a: 05/07/10)
- Olweus, D. (1993). *Bullying At School: What We Know and What We Can Do - Understanding Children's Worlds*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (2001). Bullying at school: tackling the problem. *OECD Observer*, 225. Disponível em: http://www.oecdobserver.org/news/fullstory.php/aid/434/Bullying_at_school:_tackling_the_problem.html (Acedido a: 05/07/10)
- Pinheiro, L. O. (2009). *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Minho: Braga. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9870>. (Acedido a: 05/07/10)
- Ponte, C. & Vieira, N. (2008). Crianças e Internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In M. L. Martins & M. Pinto (Orgs.), *Comunicação e Cidadania – Proceedings of the 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, 6-8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU_Kids_OnlineVersao170707.pdf (Acedido a: 05/07/10)
- Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/default.asp> (Acedido a: 15-03-2010)
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed). Lisboa: Gradiva Publicações.

- Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Rigby, K. (2007). *Bullying in Schools: and what to do about it*. Victoria: Acer Press.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica* (2005), 2 (XXIII): pp. 97-110. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a03.pdf> (Acedido a: 05/07/10)
- Shariff, S. (2009). *Confronting Cyber-Bullying*. New York: Cambridge University Press.
- Shariff, S. & Hoff, D. (2007). Cyber bullying: Clariying legal boundaries for school supervision in cyberspace. *International Journal of Cyber Criminology*, 1 (1), pp. 76-116.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S. & Tippett, N. (2008). *Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M. & Tippett, N. (2006). *An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying*. Disponível em: <http://www.staffsscb.org.uk/NR/rdonlyres/B1B38C84-C008-4CE3-8762-973F26465B14/46165/CyberBullyingFinalReport.pdf> (Acedido a: 24/08/2011)
- Specht, T. (2010). *Vernetzt, verletzt? Cyberbullying unter Jugendlichen in Deutschland*. (Tese de Mestrado não publicada). Augsburg: Universität Augsburg. Disponível em: http://www.imb-uni-augsburg.de/files/Masterarbeit_TamaraSpecht.pdf (Acedido a 19/08/2011)
- Suler, J. (2004). The Online Disinhibition Effect. *Cyberpsychology & Behavior*, 7 (3), pp. 321-326.
- Vandebosch, H. & Van Cleemput, K. (2009). Cyberbullying among youngsters: profiles of bullies and victims. *New Media & Society*, 11 (8), pp. 1349-1371.
- Willard, N. (2004). *I Can't See You – You Can't See Me - How the Use of Information and Communication Technologies Can Impact Responsible Behavior*. Disponível em: <http://www.cyberbully.org/cyberbully/docs/disinhibition.pdf> (Acedido a: 17/07/10)
- Willard, N. (2006). Flame retardant: Cyberbullies torment their victims 24/7. Here's how to stop the abuse. *School Library Journal*, 52 (4), pp. 54-56. Disponível em: <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA6320009.html> (Acedido a: 05/07/10)
- Willard, N. (2007). *Cyberbullying and Cyberthreats*. Illinois: Research Press.
- Wing, C. (2005). Young Canadians in a Wired World. Disponível em: http://www.media-awareness.ca/english/research/YCWW/phaseII/upload/YCWWII_trends_recomm.pdf (Acedido a: 20/10/11)

- Ybarra, M. (2004). Linkages between Depressive Symptomatology and Internet Harassment among Young Regular Internet Users. *Cyberpsychology & Behavior*, 7 (2).
- Ybarra, M., Diener-West, M. Leaf, P. (2007). Examining the Overlap in Internet Harassment and School Bullying: Implications for School Intervention. *Journal of Adolescent Health*, 41, pp. 42–50.
- Yilmaz, H. (2010). An Examination of Preservice Teachers' perceptions about *Cyberbullying*. *Eurasia Journal of Mathematics, Science & Technology Education*, 6 (4), pp. 263-270.

Anexos

Instrumento de Inquiriçã

Questionário “Cyberbullying: O fenómeno percebido pelos professores”

Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores do

Apresentação

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cara (o) Colega,

Este questionário pretende estudar o conhecimento e as perspectivas dos professores em Portugal relativamente ao fenómeno do cyberbullying e a sua aplicação insere-se num projecto de investigação no âmbito do curso de Mestrado em Ciências da Educação - Tecnologia Educativa da Universidade do Minho.

A sua colaboração é indispensável e de grande valor!

O questionário demora, aproximadamente, 5 minutos a responder, é confidencial e anónimo. Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para efeitos de investigação e de comunicação científica.

Agradeço a sua colaboração e disponibilidade!

Sílvia Petiz

Definição

O cyberbullying consiste no envio ou publicação de conteúdos, ameaças ou comportamentos ofensivos fazendo uso das actuais tecnologias da informação. Estes ataques podem surgir nos mais variados formatos, como imagens, fotos, vídeos ou texto, colocados e difundidos on-line, sobre e para uma vítima, com o intuito de difamar, gozar, intimidar, humilhar.

Caracterização pessoal e profissional

1. Faixa etária

2. Género

- Masculino
 Feminino

3. Filhos

- Sim
 Não

4. Nível (ou níveis) de ensino leccionado nos últimos 3 anos

- Pré-escolar - jardim de infância
 Básico - 1º ciclo
 Básico - 2º ciclo
 Básico - 3º ciclo
 Secundário

5. Assinale a resposta adequada a si perante as afirmações seguintes.

	Sim	Não	Sem opinião
Conheço o termo cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sei bem o que significa cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho dificuldade em distinguir uma brincadeira de mau gosto de uma situação de cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O cyberbullying é algo natural da idade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conheço casos de jovens vítimas de cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conheço casos de colegas professores vítimas de cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O cyberbullying é um tema que me suscita interesse.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Já fui vítima de cyberbullying.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O fenómeno de cyberbullying é uma "criação" dos mass media, logo é um fenómeno transitório.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores do

6. Relativamente a cada uma das afirmações seguintes, assinale a opção mais adequada.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	Sem opinião
O cyberbullying é uma forma de agressão que transpõe o recreio e os limites da escola e o espaço físico em geral.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying pode ser difundido de forma muito rápida e perante um público muito grande.	<input type="radio"/>				
Uma vítima de cyberbullying não pode evitar que p. ex. imagens ou fotos circulem nas redes de comunicação (Internet ou telemóveis) ou até sejam reproduzidas.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying esconde a identidade do agressor.	<input type="radio"/>				
Um jovem pode ser vítima de cyberbullying em qualquer lugar e a qualquer hora.	<input type="radio"/>				
Com o cyberbullying, a agressão é somente psicológica/emocional.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying é um fenómeno frequente.	<input type="radio"/>				
Alguém que pratica cyberbullying age de forma intencional e premeditada.	<input type="radio"/>				
Alguém que pratica cyberbullying não tem consciência do possível impacto na vítima.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying prepara os jovens para o mundo dos adultos.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying é praticado por jovens que evidenciam comportamentos inadequados.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying é praticado por jovens de todos os estratos socioeconómicos.	<input type="radio"/>				
Jovens com sucesso escolar não exercem cyberbullying sobre os colegas.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying influencia o desenvolvimento pessoal e a conduta das vítimas jovens.	<input type="radio"/>				
O cyberbullying pode ser destrutivo para as vítimas.	<input type="radio"/>				

Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores do

7. Assinale a resposta adequada a si perante as afirmações seguintes.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	Sem opinião
Os professores precisam de formação relativamente ao fenómeno do cyberbullying.	<input type="radio"/>				
Os professores têm responsabilidades na formação dos jovens relativamente ao cyberbullying.	<input type="radio"/>				
Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser cyber-agressores.	<input type="radio"/>				
Compete aos Encarregados de Educação assegurar que os seus educandos não venham a ser vítimas de cyberbullying.	<input type="radio"/>				
Compete à escola/ professores promover uma política de utilização segura da Internet.	<input type="radio"/>				
O combate ao cyberbullying passa pela proibição dos telemóveis e pelo acesso limitado à Internet nas escolas.	<input type="radio"/>				
O tema do cyberbullying deve ser abordado nas escolas em aulas ou eventos específicos.	<input type="radio"/>				
Os alunos precisam de saber que podem contar com os professores caso precisem de ajuda.	<input type="radio"/>				

8. Se já lidou de perto com alguma situação de cyberbullying ou teve conhecimento de algum caso, quer partilhar connosco alguns pormenores?

9. Quer deixar alguma sugestão ou fazer algum comentário?

O questionário terminou aqui.
OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

Parecer DGIDC

Autorização MIME (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar)

Assunto: Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0183000003

De: mime-noreply@gepe.min-edu.pt

Data: 30-06-2011 12:09

Para: silvia.petiz@netcabo.pt, silvia.petiz@netcabo.pt

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0183000003, com a designação *Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores*, registado em 11-06-2011, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Sílvia Maria Petiz de Sousa

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

Sem observações

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade